

MARIA DOS PRAZERES SANTOS

**A FAMÍLIA, A ESCOLA E OS ALUNOS.
RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR EM ALUNOS DO 6º
ANO NUMA ESCOLA EM TAQUARANA, ALAGOAS, BRASIL**



Outubro 2015

MARIA DOS PRAZERES SANTOS

**A FAMÍLIA, A ESCOLA E OS ALUNOS.
RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR EM ALUNOS DO 6º
ANO NUMA ESCOLA EM TAQUARANA, ALAGOAS, BRASIL**

Dissertação

Mestrado em Educação para a Saúde

Orientação: Professor Doutor Daniel Marques da Silva e

Professor Doutor João Carvalho Duarte

Outubro 2015



“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente”.

(Roger Von Oech)

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos por Deus, pois o Mesmo me deu a vida e força interior para superar as dificuldades encontradas no dia-a-dia.

Aos meus pais (avós) (*in memoriam*), que não mediram esforços para que eu pudesse concluir todas as etapas da minha vida escolar.

À minha família, especial ao Cido, pessoa importante que sempre torce pelo meu sucesso. À minha amiga Marizete e seu filho Mateus que estiveram presentes no desenvolvimento desse trabalho, mesmo com seus quarenta (40) dias de vida.

À minha afilhada Kátia Fernanda por ter contribuído de todas as formas nas pesquisas desse trabalho e obteve paciência para me ajudar em todo o andamento do mesmo.

Ao meu orientador Professor Doutor. Daniel Silva, pelo seu apoio, além de sua dedicação, competência e especial atenção nas revisões e sugestões, fatores fundamentais para a conclusão do trabalho e ao professor Doutor João Duarte pelo seu saber e contributo na área da estatística.

À minha colega Francisca Barbosa pelo incentivo para cursar o Mestrado, pois sem ela não teria dado início a tão árdua tarefa.

À Escola de Educação Básica Maria Iraci Teófilo de Castro pelo auxílio e apoio concedido, que foi de fundamental importância para colher as informações.

Aos amigos, Elza Góis, Luciene Teodoro, Maria das Graças, Leandro Monteiro, Rosicleide e Elinaide, sempre preocupados com o desenvolvimento do trabalho até à conclusão.

A todos o meu sincero e profundo agradecimento.

Resumo

Enquadramento: O sucesso/insucesso escolar é motivo de preocupação quer para a escola quer para as famílias. A entrada para a escola gera mudanças na criança pela adaptação a diferentes ambientes e contextos, pelos relacionamentos com os professores e colegas, pelos os hábitos e estilos de vida dos alunos. A família, quer em casa quer nas relações com a escola, exerce um papel fundamental no desempenho escolar dos filhos, pelo acompanhamento e envolvimento ativo que deve ter nos projetos educativos.

Objetivos: Avaliar o desempenho (sucesso/insucesso) dos alunos do 6º ano; caracterizar o perfil sociodemográfico dos alunos e da família dos alunos; avaliar alguns hábitos de vida dos alunos; avaliar o envolvimento dos pais com os alunos e com a escola.

Material e métodos: Estudo exploratório-descritivo, quantitativo e correlacional, com os pais e os alunos duma Escola pública, Maria Iraci Teófilo de Castro, Alagoas, no ano de 2015. A escola tem uma população de 1782 alunos de várias séries e a nossa amostra foram os alunos de 6º ano, num total de 325. Para a colheita de dados utilizamos um questionário de caracterização dos alunos, da família e da escola e uma escala de envolvimento parental com a escola (QEPE-versão pais). Realizamos ainda 40 entrevistas com pais dos alunos do 6º ano.

Resultados: A maioria são rapazes (56,6%) com uma média de idades de 11,96 anos (de 10-16 anos). Estão distribuídos por 8 turmas (de 30 a 47 alunos). Residem maioritariamente em zona rural (61,5%), vivem com os pais (59,1%) e cerca de 40% referem ter os pais solteiros ou separados. Os pais, 50,2% têm o ensino fundamental I e 37,2% não têm instrução. A deslocação para a escola é em média de 15 minutos. As crianças não têm hábitos tabágicos ou alcoólicos e realizam atividades de ajuda às famílias (74,5%). 41,2% de alunos referem ter sono nas aulas e 43,1% levantam-se antes das 6 horas. 33,5% dos alunos gostam pouco ou nada da escola. Quanto ao desempenho escolar 24,3% autoavaliam o seu desempenho como abaixo da média e 44,0% já reprovaram alguma vez. A falta de estudo (31,5%) e as faltas (35,7%) são os motivos mais apontados para as reprovações. Dos motivos para não estudar, 23,6% referem ser por causa de ajudar em atividades em casa. A quase totalidade refere ter bom ou muito bom relacionamento com os pais, mas cerca de 25 % referem que só às vezes os pais os ajudam nos problemas e no incentivo à leitura e a visita regular dos pais à escola é referida por 36,3%.

Conclusões: Existem mais reprovações no sexo masculino, nos alunos em que os pais não ajudam na lição em casa e nem os incentivam à leitura e nos alunos que referem sono nas aulas. Os alunos que gostam da escola e se sentem motivados são os que menos reprovam. Verificamos fraco envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, não ajudam na realização das tarefas e incentivos ao estudo e não mantêm um contato regular com o professor e a escola.

PALAVRAS-CHAVE – família, aluno, escola, sucesso, insucesso,

ABSTRAT

Framework: The success/failure at school is a cause for concern for the school and also for the families. Reaching the school-age brings changes in the child life because of the adaptation to new environments and contexts, the relationship with teachers and colleagues, the habits and the lifestyle of the students. The family, at home and its relationship with the school, has a fundamental role in the school performance of the children through the monitoring and active involvement that the family should have in educational projects.

Aims: Evaluating the performance (success/failures) of the students of the sixth year; characterizing the sociodemographic profile of the students and their families; evaluating some lifestyle habits of the students; evaluating the parental involvement with students and the school.

Methods: An exploratory and descriptive, quantitative and correlational study involving the parents and the students of a public school called Maria Iraci Teófilo de Castro, in Alagoas, in 2015. The school has a population of 1782 students of different years. Our sample was composed by students from the sixth year, a total of 325. A questionnaire to characterize the students was used to collect data and we also used a scale of the parental involvement with the school (QEPE- parent version). Furthermore, we conducted 40 interviews with parents of the sixth year students.

Results: The majority are male (56.6%) with an average age of 11.96 years (between 10 and 16 years old). They are divided into 8 classes (30-47 students) Most of them live in rural areas (61.5%), they live with their parents (59.1%) and around 40% report having single or divorced parents. The parents, 50.2% of them attended to elementary school and 37.2% have no education. They take an average of 15 min traveling to school. The children do not have smoking or alcoholic habits and they do activities to help their families (74.5%). 41.2% of the students report being sleepy during the classes and 43.1% wake up before 6 am. 33.5% of the students like a little or does not like the school. Talking about school performance, 24.3% evaluating themselves as below the average and 44% have already failed. The lack of study (31.5%) and absences (35.7%) are the most frequently mentioned reasons for the failures. Talking about the reason why they do not study, 23.6% report having to do activities to help their families. The great majority affirm having a good or really good relationship with their parents, however around 25% report that the parents rarely help with children's problems and encouraging reading. Regular visits from parents to school is represented by 36.3%.

Conclusions: There are more school failure in male, in students who parents do not help with their homework and do not encourage reading and in the students who reported being sleepy during the classes. The students who like the school and feel motivated are those who have lower school failures rate. We verified a lack of involvement of the parents with the school life of their children. The parents do not help with the homework and encouraging the study and they also do not maintain regular contact with the teacher and with the school.

Keywords: family, students, school, success, failure.

SUMÁRIO

	Pág
LISTA DE SIGLAS	
ÍNDICE DE TABELAS	
INTRODUÇÃO	11
1.ª PARTE - REVISÃO DE LITERATURA	
1 - A FAMÍLIA E O AMBIENTE ESCOLAR	17
1.1 - BREVE HISTÓRICO	18
1.2 - CONCEITO DE FAMÍLIA.....	20
1.3 – A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.....	26
1.4 - FAMÍLIA E EDUCAÇÃO.....	32
2 - FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DO SUCESSO E INSUCESSO ESCOLAR	37
2.1 - O SUCESSO E O INSUCESSO ESCOLAR	37
2.2 - EVOLUÇÃO DA ANÁLISE DO SUCESSO E INSUCESSO ESCOLAR	40
2.3 – CAUSAS E EFEITOS DO INSUCESSO ESCOLAR.	43
2.4 – O PAPEL DO PROFESSOR NO SUCESSO E INSUCESSO	45
2.ª PARTE - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	
3 - METODOLOGIA	51
3.1- QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS	51
3.2 - TIPO DE ESTUDO	53
3.3 – VARIÁVEIS.....	54
3.4 - POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	54

3.5 – INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	55
3.6 – PROCEDIMENTOS NA RECOLHA DE DADOS	57
3.7 – PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS	58
4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
4.1 - CARATERIZAÇÃO SOCIO-DEMOGRÁFICA DOS ALUNOS E FAMÍLIA	59
4.2 - HÁBITOS DOS ALUNOS E A ESCOLA	64
4.3 – O DESEMPENHO E AS ATIVIDADES ESCOLARES.....	67
4.4 – RELACIONAMENTO COM OS PAIS E APOIO FAMILIAR AOS ALUNOS.....	73
4.5 - DESEMPENHO ESCOLAR E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS ESCOLARES E FAMILIARES.....	75
4.6 - ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA ESCOLA.....	78
4.7 - RELATOS DOS PAIS SOBRE OS FILHOS	84
5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS	103
Anexo 1 – Questionário	105
Anexo 2 – Autorização da escola	113

LISTA DE SIGLAS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola

PPP – Projeto político Pedagógico

PCNs – Parâmetros Curriculares nacionais

LDB - Lei de Diretrizes e bases da educação

OIT - Organização Internacional do Trabalho

EMEB - Escola Municipal de Educação básica

INDICE DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1 - Estatísticas relativas à idade	60
Tabela 2 – Distribuição da idade, turma e residência em função do sexo	61
Tabela 3 - Variáveis familiares	63
Tabela 4 - Grau de escolaridade dos pais dos alunos	64
Tabela 5 – Variáveis de hábitos dos alunos e relacionadas com a escola	65
Tabela 6 – Período de realização de atividades de ajuda à família	66
Tabela 7 – Gosto pela escola em função do sexo	67
Tabela 8 - Auto avaliação do desempenho escolar e reprovações	69
Tabela 9 – Motivo de reprovações	70
Tabela 10 – Tempo de estudo	70
Tabela 11 – Motivos de falta de tempo para estudo	71
Tabela 12 – Horas de estudo por dia	71
Tabela 13 - Tempo dedicado aos trabalhos da escola em casa.....	72
Tabela 14- Período do dia com aulas	72
Tabela 15 – Variáveis do relacionamento com os pais e apoio da família	75
Tabela 16 – Existência de reprovações em função de variáveis sociodemográficas, escolares e familiares	77
Tabela 17 – Estatística descritiva para os valores da escala e subescalas	80
Tabela 18 – Estatística descritiva para os valores percentuais da escala e subescalas	81
Tabela 19 – O envolvimento dos pais e variáveis sociodemográficas, escolares e familiares	83

INTRODUÇÃO

A problemática do sucesso/insucesso escolar é transversal em todos os níveis de ensino, em todas as instituições e desde sempre tem sido motivo de preocupação quer para a escola quer para as famílias e outras entidades envolvidas no ambiente escolar. Vários estudos se têm debruçado sobre a questão e a complexa interação de múltiplos fatores têm sido identificados como estando relacionados com o insucesso escolar, designadamente fatores de ordem psicossocial, familiar, cultural, políticos e económicos.

O Brasil não é exceção e a questão do insucesso é um problema que afeta de modo especial as escolas públicas. A entrada para a escola, a adaptação a diferentes ambientes e contextos, os relacionamentos com os professores e com os colegas, os hábitos e estilos de vida dos alunos, os comportamentos em sala de aula e o maior ou menor acompanhamento e envolvimento por parte das famílias na escola são, sem dúvida, fatores que interferem no processo de ensino/aprendizagem dos alunos

Pela relevância do tema torna-se pertinente o estudo dos fatores que podem estar envolvidos e que podem ser realidades diferentes em função dos contextos onde estão inseridas as escolas e dos contextos sócio familiares. O sucesso escolar terá de ser visto numa perspectiva de desenvolvimento global do indivíduo, não se reportando apenas ao desempenho nas competências de estudo e avaliação de conteúdo, mas também no domínio sócio relacional e biopsicológico – estilo de vida e qualidade de vida. Se num grau mais avançados dos estudos o suporte social está mais direcionado para o grupo de pares, numa fase mais precoce como é o ensino fundamental, o papel da família torna-se imprescindível na promoção da educação das crianças.

Se o relacionamento escola/família não é o desejado as “culpas” são repartidas pois se por um lado, por força da crise social e familiar que se vive, a família não se envolve na formação dos seus filhos partilhando ou mesmo relevando para a escola todo o papel da educação, por outro lado a escola tem tido dificuldade de encontrar forma de envolver esses mesmos pais nas atividades da escola e no apoio aos seus filhos, não se limitando apenas a chamar os pais quando há problemas de aprendizagem ou de comportamentos desadequado.

A família não pode ter um papel passivo e a escola deve envolver a família nos seus projetos educativos. Sabemos que este relacionamento nem sempre é fácil nem simples, mas é um esforço em que vale a pena investir. Vários autores concluíram que só é possível atingir bons níveis de sucesso e de comportamento, bem como na prevenção da evasão escolar, se existir uma boa relação entre a escola e a família (Jacinto, 2006; Peixoto & Rodrigues (2003); Spoth, Shin & Randall, 2008; Topor et al. 2010).

Sabemos que as interações na família e o ambiente afetivo são estimuladores do desenvolvimento da criança, contudo na sociedade atual verificamos mudanças rápidas que podem originar desequilíbrios nas famílias com consequências na educação e acompanhamento dos filhos

Enquanto professora numa escola pública com alunos do 5º ano ao 9º ano e de Educação de Jovens e Adultos – EJA (1º e 2º segmento), preocupa-me o insucesso dos meus alunos bem como a evasão escolar. A evasão para além da não aprendizagem com o comprometimento do futuro da criança, leva os jovens para a rua e muitos para a marginalização. A escola precisa identificar os fatores concretos relacionados com os seus alunos e planear atividades para amenizar o problema.

Integrada num curso de Educação para a Saúde lecionado na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu, em Portugal, e inquieta com esta questão, procuramos compreender e aprofundar as causas do fracasso de nossos alunos. Ao desenvolver este trabalho procuramos também colher dados que nos possam ser úteis no desenvolvimento das atividades pedagógicas e na tomada de medidas que possam minimizar o problema do insucesso dos alunos da Escola Maria Iraci Teófilo de Castro na cidade de Taquarana.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar os fatores que poderão estar envolvidos no sucesso/insucesso dos alunos da escola atrás referida, com especial ênfase no relacionamento, apoio e envolvimento da família na escola. Nossa pretensão não é influenciar a todo custo a família para a resolução dos problemas de aprendizagem escolar dos filhos/alunos, mas mostrar evidencia de que sua participação em parceria com a escola trará significantes resultados no desenvolvimento escolar, individual, cognitivo e social, contribuindo assim para a formação de alunos prontos para terem um papel ativo na sociedade demonstrando capacidade crítica.

Para a realização deste estudo realizamos várias pesquisas que iremos referir ao longo do texto recobrando essa discussão e evidenciando o quão positiva é a interação família/escola/comunidade para o desenvolvimento das crianças na fase escolar.

Como objetivos específicos iremos: Avaliar o desempenho (sucesso/insucesso) dos alunos do 6º ano; caracterizar o perfil sociodemográfico dos alunos e da família dos alunos; avaliar alguns hábitos de vida dos alunos e avaliar o envolvimento dos pais com os alunos e com a escola.

Realizamos um estudo exploratório-descritivo, quantitativo e correlacional e utilizamos ainda numa perspectiva qualitativa algumas entrevistas com os pais/mães dos alunos durante reuniões na escola. Como instrumento de colheita de dados utilizamos um questionário junto dos alunos, e aos pais aplicamos um Questionário de Envolvimento dos Pais com a Escola (EPE-Versão Pais).

O corpo do texto está dividido em duas partes sendo que a Parte I é constituída pela fundamentação teórica onde é abordada a temática da família e o ambiente escolar e o sucesso/insucesso escolar. Para tanto alguns estudiosos nortearam nosso trabalho, dentre eles podemos citar: Biroli (2014), Escobar (2014), Miguel & Braga (2009), Pinheiro (2012), entre outros.

Por sua vez, a Parte II é dedicada ao estudo empírico, no qual foi descrito o tipo de estudo, questões de investigação e objetivos, as suas variáveis, definida a amostra e instrumentos de colheita de dados, feita a previsão e tratamento estatístico, a apresentação e análise dos dados, a sua discussão e para finalizar as conclusões do estudo e referências bibliográficas.

Ao terminar esta introdução ao estudo que realizamos gostaríamos de referir que não se ambiciona aqui esgotar o assunto em questão, mas meramente expor caminhos mais relevantes para o enfrentamento dos impasses detectados nesse processo, ou seja, dificuldades de relacionamento entre a família e a escola.

1ª PARTE - REVISÃO DE LITERATURA

1 - A FAMÍLIA E O AMBIENTE ESCOLAR

A família e a escola são dois pilares essenciais nos processos evolutivos das pessoas tanto na vertente física, intelectual, emocional como social. A família constitui-se como o primeiro espaço social e de socialização da criança e é aí que ela aprende qual o seu lugar no núcleo familiar, onde se sente segura, onde deve ter a sua individualidade respeitada onde são transmitidos os valores, as crenças e significados e também onde aprende as primeiras dinâmicas relacionais que lhe irão ajudar mais tarde nas interações sociais/socialização e no seu desenvolvimento humano (Dessen & Polonia, 2007).

Quando a criança entra na escola o processo de educação continua a requerer a cooperação das famílias pois esta complementaridade da escola com os meios e os contextos será útil não só para um saudável desenvolvimento da criança mas também para a deteção precoce de alterações e para a prevenção de riscos.

No tocante à colaboração escola-família, é importante enfatizar necessidade de estruturar atividades apropriadas à série do aluno, particularmente quando se trata da participação dos pais no seu acompanhamento.

Os comportamentos na escola podem ser um espelho das vivências em família (para o bem ou para o mal) e daí o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos ser de primordial importância. Quando a família e a escola mantêm bom relacionamento estão criadas condições para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento da criança. A escola deve reconhecer a importância desta parceria com a família no projeto escolar dos seus filhos e deve a escola ajudar as famílias e exercerem o seu papel na educação.

As escolas deveriam investir no fortalecimento das associações de pais e na participação nos órgãos da escola, dentre outros espaços de participação, de modo a propiciar a articulação com a família com a comunidade, estabelecendo relações mais próximas.

Porque, tanto a família como a escola, são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele, deverá a escola preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais,

contribuindo para o processo de desenvolvimento saudável e harmonioso do indivíduo (Dessen & Polonia, 2007).

Estando as famílias de hoje a viver um período de instabilidade com mudanças em relação ao “modelo nuclear tradicional” e com alterações nas funções educacionais “clássicas”, estará a escola capaz de responder a estas mudanças na família criando aproximação, quebrando preconceitos e fazendo parceria?

1.1 - BREVE HISTÓRICO

Desde outrora, vários autores se debruçaram em múltiplas correntes de pesquisas, cujo tema central está intitulado, família e escola, a fim de discutirmos diferentes mecanismos e estratégias de integração entre pais e escola, reconhecendo suas características e apontando os pontos que favorecem e dificultam tal relação. Nesta temática Reis (2008, p.28), citando Davies et al (1997) refere que ao entendermos as famílias e as crianças como integrantes de um sistema organizado e interagindo e influenciando-se entre si, traz uma nova compreensão acerca do desenvolvimento humano, contribuindo para a reflexão sobre os contextos familiar e escolar. Estes elementos podem ser elementos de inclusão e segurança como também fonte de conflitos, com ênfase nas perdas que se podem apresentar no percurso escolar e social. Como verificamos, tanto a família como a escola funcionam como pontos de apoio e sustentação do ser humano, sendo marcos de referência existencial.

Quanto mais recíproca for a união, mais benéfica significativa a formação do aluno. A cooperação dos pais na educação dos filhos deve ser contínua e metódica. Miguel & Braga (2009), em suas pesquisas ressalta que a família, grupo socialmente construído pela humanidade, tem seu início na pré-história.

O macho supunha que, uma vez instalada a necessidade de satisfação genital teria adquirido um forte motivo para conservar a fêmea junto de si, a qual, por sua vez, não querendo se separar de sua prole indefesa via-se abrigada a se unir ao macho, mais forte, por uma questão de defesa da vida (Orsi,2003 como citado em Miguel & Braga, 2009, p. 2-3). Seguindo o mesmo pensamento de Miguel (2009, p.3) este refere que “antropólogos, historiadores, pesquisadores e outros estudiosos se debruçaram muito tempo em livros, histórias contadas, pinturas, fotografias, escritos etc., a fim de estudar e entender a origem da família, sua organização e seu funcionamento no decorrer da

história. Tal tarefa é bastante complexa, porque a família foi-se transformando conforme a exigência social de cada época”.

Dada a sua complexidade não é fácil conceituar família. De acordo com Biroli (2014, p. 07) a noção de família pode estar profundamente ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos. As experiências que temos das relações familiares são singulares, íntimas e fundamentais para percepção de quem somos, isto é, para as nossas identidades. Mas falar em família é falar de uma realidade social e institucional, profundamente política tanto nos fatores que a condicionam quanto em seus fundamentos.

Ainda complementa a autora (Biroli, 2014), família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história. É uma construção social, que vivenciamos. As normas e ações que se definem no âmbito do Estado, as relações de produção e as formas de remuneração e controle do trabalho, o âmbito da sexualidade e afetos, as representações dos papéis sociais de mulheres e homens, da infância e das relações entre adultos e crianças, assim como a delimitação do que é pessoal e privado por práticas cotidianas, discursos e normas jurídicas, incidem sobre as relações na vida doméstica e dão forma ao que reconhecemos como família.

No mundo moderno, o estreitamento dos laços entre ideais de mulher e ideais de família tornaria-se uma variável importante na produção e reprodução das desigualdades de gênero. Os sentidos e as implicações do casamento, da reprodução e da sexualidade seriam muito distintos para mulheres e homens. As fronteiras entre a vida doméstica e familiar e a vida pública, com a divisão do trabalho que as organiza na modernidade, também teriam ressonância distinta para mulheres e homens, afetando diretamente as ocupações, e a remuneração que receberão, fora de casa. De modo geral, o exercício de autoridade no mundo doméstico-familiar, mas também o usufruto da privacidade, tomarão formas muito distintas, em um mesmo padrão de organização familiar, se olharmos para o cotidiano das mulheres ou para o dos homens (Biroli, 2014, p. 08).

Apoiado nas pesquisas da autora, ressaltamos que a vida doméstica e familiar é um artefato social. As imagens correntes do âmbito da vida pessoal e íntima como o

espaço da autenticidade podem levar, erroneamente, ao entendimento de que se trata de uma esfera separada e protegida das instituições e dos seus efeitos, das relações de poder e do modo como constituem as vidas dos indivíduos. O doméstico e o familiar são definidos historicamente e são naturalizados e normalizados por dinâmicas sociais e políticas complexas. Variam em diferentes sociedades, ao longo do tempo, mas também em um mesmo momento histórico, contradizendo as tradições do pensamento político e os discursos religiosos e de forte caráter moral que afirmam sua essencialidade e perenidade para a sociedade (que teria “a família” como unidade básica), para os indivíduos (que tenderiam espontaneamente a viver “em família”) e para as mulheres (que teriam uma preocupação naturalmente diferenciada com a construção e manutenção “da família”, realizando-se nela. (Idem, 2014, p. 09).

1.2 - CONCEITO DE FAMÍLIA

O conceito de família pode ser considerado até certo ponto subjetivo, pois depende de quem a define, do cenário em que está inserido. Contudo, faz-se necessário uma definição mais admissível. Desta forma família é, segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda: “Família substantivo feminino; 1. Pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 2. Pessoas do mesmo sangue. 3. Origem, ascendência.”.

À vista disso podemos identificar a família como a instituição primária do sujeito compreendida como base principal de aquisição de valores e formação do mesmo. Corroborando com esse pensamento a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É constituído por uma comunidade, distintos de números de pessoas que estão ligados a um laço de descendência.

A família está rotulada sempre com a existência de algum grau de parentesco, onde desfrutam de sobrenomes idênticos, herdado dos ascendentes diretos. Em contraponto a isto membros da família ou até família por inteiro que não fazem parte do seletto grupo ligados por laços sanguíneos, mais ligados afetuosamente constitui-se uma família. Em síntese, temos a compreensão dos inúmeros laços que unem uma família e

consciência do surgimento dos novos arranjos familiares. Rodrigues (2013, p. 53) cita Minuchin (1990) referindo que:

Podemos então, definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes ser formados pela geração, sexo, interesse e/ ou função, havendo diferentes níveis de poder, e onde os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo em nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais

Ao processar-se o tempo eleva-se o padrão familiar, composto exclusivamente por pai, mãe e filhos, entretanto ao passar o tempo emerge outras organizações familiares, com diversas composições, mãe e filho apenas, pai e filho apenas, casais homossexuais e muitas vezes com filhos por adoção entre outros. Novos arranjos que hoje são reconhecidos legitimamente como família.

A fim de compreender a origem da família diversos estudiosos mantiveram concentradas suas buscas em pinturas, narrativas, livros, fotografias e demais meios de informações relacionados ao tema no decorrer dos tempos. Contudo essas informações são abstrusas devido ao leque de transformações que se sucedem a cada período. Em decorrência a isso obtemos nítidos obstáculos a uma real definição de família. Osório (1996) cit por Miguel & Braga (2009, p.2) nos diz que

[...] a família não é uma expressão passível de conceituação mais tão somente de descrições ou seja: é possível descrever as varias estruturas por modalidades assumidas pela família através dos tempos, mais não a definis ou encontrar alguma elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano.

No encaço da marcha história da família, é possível verificar que por uma questão de sobrevivência os homens reuniram-se em grupos, pois individualmente era mais difícil chegarem à idade adulta, devido às dificuldades enfrentadas. Porem para se

ter a clareza que a expectativa de vida era maior vivendo em grupos, passaram-se centenas de anos.

O homem primário formava-se em vultosos grupos e apenas preocupavam-se em caçar seu alimento para sobreviver, sua morada era em cavernas em meio à natureza virgem. Concomitante ao tempo surge transformações em sua vida, com a descoberta do fogo, ou seja, ele utiliza o mesmo para se aquecer, assar seus alimentos obtidos através do caçar etc. Surge a partir daí a agricultura e a pecuária, a população aumenta, tem-se a necessidade de fixar moradia e conseqüentemente de explorar a natureza a seu favor. Por conseguinte, a humanidade prossegue sua expansão, agora já com notáveis eclosões das primeiras comunidades gentílicas, grupos estabelecidos já cultivando a terra, com instrumentos de trabalho cada vez mais aperfeiçoados e com a adoção de animais domesticados. Nessa fase os grupos eram ainda dotados de uma relação de pura transmissão de conhecimentos de geração para geração. Conquanto, a partir do advento da escrita a estrutura da posição familiar é alterada. Como relatam Miguel & Braga (2009,p.4) citando Ariès (1981), entre os séculos XIV e XVIII, a vida é dividida em três grandes momentos: a infância considerada o período da dependência; a idade da guerra, em que os homens vão defender suas terras e seus países; e a idade sedentária, compreende os homens da lei, adultos.

Tendo como base Maggi, (2011, p.24) que ao citar Engels (1974) refere que

“a família é um organismo vivo, que se ajusta, pois sofre influências políticas, econômicas, sócias e culturais em que sua estrutura é alterada, bem como suas relações e composição de papéis. Apesar de ser uma das instituições mais antigas de que se tem notícia, a família ajustou-se as mudanças que a sociedade lhe impôs, mais não deixou de existir, de uma forma ou de outra”.

Essas metamorfoses vão posteriormente enveredar na entrada da mulher no mercado de trabalho, ou seja, a mulher deixa o confinamento de suas casas e passa a partir daí ajudar no orçamento familiar, mesmo recebendo salários baixos. Nesse espaço de tempo emerge a Revolução Industrial que teve como traço principal a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas. É estabelecido o sistema capitalista e como muito empresários ambicionavam lucrar mais, o operário era explorado sendo forçado a trabalhar até 15 horas por dia em troca de um salário baixo.

Por conseguinte, a isso, mulheres e crianças também eram obrigadas a trabalhar para sustentarem suas famílias.

Miguel & Braga, (2009, p.5), reforça esta ideia citando Orsi (2003),

“(...) a família burguesa começa a delinear-se a partir do período da industrialização, que sinalizou a modernidade, do surgimento da escola, da conquista da privacidade, da preocupação com a educação dos filhos e do sentimento de família, também valorizado, sobretudo pela igreja. Com isso, os papéis, o lugar e as atribuições de cada um de seus membros começam a ser definidos.”

O padrão de família é modificado em consequência ao sistema socioeconômico capitalista, vigente até hoje na contemporaneidade, que faz com que as pessoas tenham cada vez mais menos tempo para os filhos e para a família em si, tal mudança de estrutura deve-se a desenfreada corrida pelo dinheiro que lhe proporciona uma vida estável economicamente. Juntamente com a passagem dos tempos, houve uma nova forma de estrutura familiar ligado a elementos políticos, religiosos e sociais e o homem foi mudando e modificando seus membros familiares de acordo com o protótipo exigido pela sociedade.

Posteriormente já em pleno século XX, é pertinente ressaltar marcos históricos dessa época, como a evolução da ciência e a reestruturação do papel da mulher no contexto familiar e social. Com a invenção da pílula anticoncepcional houve nítidos impactos sociais, o surgimento de uma classe de mulheres profissionais nas sociedades modernas composta de mulheres com independência que podia decidir quando de se queria constituir família, outras já se tornaram individualmente responsáveis por seus lares. Devido as notáveis e mais variáveis transformações ocorridas na sociedade em geral, é imprescindível salientar os novos modelos de arranjo familiares existentes na sociedade pós-moderna.

Maggi (2011, p.24) cita Peixoto & Cichelli, (2000) concordando quando estes “afirmam que o surgimento desses novos arranjos familiares, de novas ligações entre sexos, caracteriza o processo a que se chama de “crise da família” que não significa o enfraquecimento da instituição, mas apenas uma nova forma de rearranjar as relações, numa perspectiva igualitária e com maior controle da natalidade, por conta da massiva entrada da mulher no mercado de trabalho”.

A vista desse leque de mudanças verificado nesses corpos sociais e econômicos a armação familiar foi ficando cada vez mais distinta, complexa e com valores numéricos relativamente pequenos. Uma vez que:

- Houve um crescimento considerável da mulher no mercado de trabalho;
- É notável o acréscimo de famílias chefiadas por mulheres;
- As pessoas estão tendo uma maior liberdade sexual, seja para definir seus parceiros, seja para definir a quantidade de filhos desejada.

Maggi, (2011,p.24) cita Senna & Antunes, (2001) e enfatiza essa concepção quando diz, que as famílias estão ficando menores e com números maiores de idosos na sua composição. Segundas elas, as famílias de camadas mais empobrecidas vivem uma realidade bem diferente do modelo de família nuclear: elevou-se o numero de famílias providas por mulheres, e onde não há a presença de figura masculina

As novas reconfigurações familiares passam a ser diferentes e apresentam uma nova realidade como nos diz Miguel & Braga (2009, p.7) que citam Osório (1996):

As reconstruções familiares acarretam obviamente mudanças significativas no campo relacional familiar, provocando a emergência de situações sem precedentes, para as quais não há experiências prévias na evolução da família que possam servir de referencia para balizar o processo de assentamento sociocultural dessas novas formas de convívio social

A partir da constatação dos reflexos de transformação da sociedade contemporânea na família, na medida em que se vem obtendo ganhos com o rápido desenvolvimento tecnológico e científico, tem-se deparado com uma grande transformação no desenvolvimento e na qualidade das relações humanas. Quando os valores que regem a organização social e econômica se modificam, transformam-se também os ideais e o modo de pensar dos homens.

As famílias contemporâneas têm-se adaptado a novas formas de coexistência em função das mudanças na sociedade. Hoje a família, como nos dizem Dessen & Polonia (2007) não pode ser definida apenas pelos laços de consaguinidade, mas pelas relações entre as pessoas. Segundo estes autores os laços de consangüinidade, as formas legais de união, o grau de intimidade nas relações, as formas de moradia, o compartilhamento

de renda são algumas dessas variáveis que, combinadas, permitem a identificação de vários tipos de famílias.

Neste processo de alterações sociais a nível familiar é essencial haver estabilidade e uma rede social de apoio que permita superar as dificuldades decorrentes de transições desenvolvimentais. Estas mudanças influenciam direta ou indiretamente, os modos de criação dos filhos. Contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações podem gerar problemas futuros, particularmente nas crianças. Por outro lado, relações satisfatórias e felizes entre maridosposa constituem fonte de apoio para ambos os cônjuges, sobretudo para a mulher (Dessen & Polónia, 2007).

Fevorini & Lomônaco (2009) contudo referem que a presença de novas configurações familiares não é indício de que as famílias estão em crise, de que os pais não se preocupam com os filhos e não se dedicam a eles ou de que essas “novas” famílias sejam prejudiciais ao desenvolvimento e ao aprendizado de crianças e jovens.

Para Nogueira (1998) a família contemporânea é, ao mesmo, relacional e individualista. As pessoas buscam uma forma de serem livres, mesmo juntas, e tentam a alternância entre o “eu individuo” e o “eu junto com outro”: procuram constantemente o equilíbrio entre o “eu” e o “nós”. O elemento central não é mais o grupo que a família forma, mais cada individuo que o compõe. Os adultos colocam-se a serviço destes grupos e das crianças dando mais atenção a elas. A lógica do amor impera, pois, os cônjuges só ficam juntos enquanto se amarem.

Concomitantes a esses novos arranjos familiares veem à questão que nos últimos anos os pais estão perdendo o controle de seus filhos, não conseguindo impor limites. Também existem casos em que os limites impostos são rígidos demais, sendo que ambas as formas podem gerar dificuldades. Visto que na ausência dos primeiros e principais educadores nos lares, as crianças ficam expostas a toda sorte de influências principalmente oriundas dos meios de comunicação modernos e da internet. E, a família que deveria ser o berço da formação de regras, princípios e valores, acaba deixando essa responsabilidade da formação da criança a cargo das escolas, e em alguns casos, a cargo destes instrumentos de comunicação citados acima. A criança acaba por receber todo tipo de influencias externas e, por conseguinte, acabam por se tornarem crianças e posteriormente adolescentes sem disciplina alguma.

Nessa perspectiva a família, a escola e a sociedade vivem hoje, um momento bastante crítico que poderá desencadear um aumento das patologias mentais.

Diante disso, o século XXI com todo o progresso científico e a vivência em um mundo universalizado, a família sofreu várias transformações que, sem dúvida, trouxeram vantagens e desvantagens. A família contemporânea tem criado formas particulares de organização, não mais se limitando à família nuclear (pai, mãe e filhos dos mesmos pais), mas a uma forma distinta e decorrente dos tempos modernos, onde os casais se unem e se desunem por diversas vezes e passam a conviver ou não, com filhos, frutos de antigas relações conjugais e filhos que nascem de suas novas uniões. Logo, a conclusão mais plausível é que nem a pretérita nem a contemporânea configuração familiar é condição de ser ou não feliz; ter ou não prosperidade. (Miguel, 2009).

1.3 – A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

A sociedade tem passado por profundas mudanças nas últimas décadas, mudanças estas que tem afetado de forma crucial a estrutura e equilíbrio das famílias, e negar este fato é agir fora da realidade, pois as mudanças na família além de afetar a sociedade como um todo, afeta também a relação para com a escola, por conseguinte a educação dos filhos. Esta relação já perpassa desde outrora e vem sofrendo explícita vicissitude, como salienta Alves (2011) como parte integrante da sociedade, escola e família não passaram incólumes, e sofreram (e continuam a sofrer) alterações profundas. Dado que as crianças se encontram imersas nestes contextos desde o nascimento até à idade adulta, escola e família são os sistemas mais próximos e que maior influência direta podem ter no seu desenvolvimento.

Contudo Miguel & Braga (2009) apontam que no período da idade média, não havia intimidade familiar, a vida no passado, até o século XVII era vivida em publico [...] pessoas viviam misturadas umas com as outras senhoras e criados, crianças e adultos em casas permanentemente abertas às indiscrições de visitantes [...]. O autor ainda ressalta que as crianças com idade de aproximadamente 7 anos eram imersos na sociedade e introduzidas na comunidade dos homens. Sua educação era garantida pela

aprendizagem junto com adultos e ministrados por outra família, não havendo assim uma escola de transmissão de conhecimentos diretos, mais sim uma aprendizagem que era transmitida de geração a geração e o ensino era voltado para a experiência prática.

Segundo Miguel & Braga (2009) [...]foi só na segunda metade do século XVII, período do advento da idade moderna, a aprendizagem tradicional é sucedida pela escola. E foi somente no século XV, que a escola medieval evolui ao colégio moderno e se transformou em uma instituição complexa de ensino, primordialmente, com o objetivo de viajar e enquadrar jovens. Trata-se tanto da formação como da instrução do estudante, e por esse motivo, convinha impor as crianças uma disciplina estrita: a disciplina tradicional dos colégios, modificada, porém num sentido mais autoritário e mais hierárquico. O colégio tornou-se então um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral.

As mudanças foram ocorrendo e com isso Varani & Silva (2010, p.514) citam Venosa (2005) que refere que estas mudanças indicam que a “composição familiar é transformada drasticamente com o processo de industrialização, com a passagem da economia agrária para a economia industrial. A família, neste momento deixa de ser uma unidade de produção, na qual todos os membros trabalhavam sobre autoridade de um chefe. Os homens passam a dirigir-se para as fabricas e as mulheres lançam-se para o mercado de trabalho”.

A saída das mulheres de casa para o mercado de trabalho foi para Duarte citado por Varani & Silva (2010, p.514)” umas das molas propulsoras nas zonas urbanas para a criação de instituições de educação infantil específica”. A mesma autora (p.515) cita Venosa e refere que com a criação desses estabelecimentos, as famílias deixam assim de ser o único núcleo protetor das crianças.

[...] Atualmente, a escola e outras instituições de educação, esportes e recreação, preenchem atividades dos filhos que originalmente eram atividades dos pais. Os ofícios não mais são transmitidos de pai para filho dentro dos lares e das corporações de ofício. A educação cabe ao Estado ou a instituição privada por ele supervisionada. (Varani & Silva, 2010, p.515 *apud* Venosa, 2005).

A família deixa de ser totalmente responsável pela criança e partilha a educação com a instituição de ensino. Porém com as transmutações sofridas na sociedade moderna, nem sempre a família acompanha a educação no filho diretamente na escola, tão pouco frequenta o ambiente escolar. Em contrapartida também nem sempre ambos partilhar das mesmas opiniões, onde acaba havendo uma ruptura entre a família e a escola. A massificação do ensino, consequência da democratização, trouxe consigo a consequente ruptura entre os valores familiares e escolares de muitos dos alunos (Colaço, 2007 citado por Alves (2011)).

Apesar da consciência que escola e família devem seguir unidas, na prática não é bem o que acontece, hoje é notável a expectativa dos pais que almejam que a instituição eduque por completo seus filhos, e esquecem de participar dessa educação. A escola por sua vez deixa de lado esse envolvimento parental e só buscam essa aproximação em meras reuniões a cada determinado período de tempo ou solicitam a presença da família quando já não sabem mais o que fazer com aquela criança tida “rebelde” ou “fora dos padrões disciplinares”. Tradicionalmente, a escola, por seu turno, olhou para a família com alguma reserva, suportando a sua participação apenas no papel passivo de receptores das informações que os professores tinham para lhes transmitir (Rocha & Macedo, 2002, citado por Alves (2011)).

No que tange a família e o abandono escolar do filho, é quase redundante a desculpa das tarefas profissionais cotidianas que os deixam sem tempo favorável para acompanhar o desenvolvimento do filho na escola. Perante esses entraves hostis, é imprescindível uma melhor abertura, dessa enfraquecida relação, família/escola pois ambas têm interesses congêneres.

Parolin (2003, p.99) refere que:

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Nesse sentido o ideal é que a família e a escola tracem uma parceria em comum, e mesmo que seus valores sejam distintos como foi visível nas falas informais dos pais nas reuniões pedagógicas da escola e devidamente registradas nesse trabalho, é preciso reconhecer que tais princípios necessitam um do outro para uma melhor aprendizagem do aluno. É indispensável uma troca mútua de experiência entre a família e a escola, assim como uma parceria significativa, pois, só trabalhando juntas é que pode-se almejar um melhor ensino e por conseguinte uma melhor educação dos alunos. Estes vão sentir-se encorajados e desta maneira no futuro próximo virão a ser cidadãos críticos, capazes de encarar as adversidades que surgem na sociedade e traçarem seus próprios caminhos. Nessa perspectiva,

A educação recebida, na escola e na sociedade de um modo geral, cumpre praticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e conseqüentemente o comportamento da criança na escola (Vygotsky, 1998, p. 87).

Na proporção que a escola cria meios para atrair a família para o ambiente escolar, certamente irão aflorar novos ensejos favoráveis para que seja explanada uma educação de qualidade, sustentada por essa relação. Pois, em concordância com Piaget (2007, p. 50) (...) “Toda a pessoa tem direito a educação, e é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educadores ou mesmo informados no tocante a melhor educação a ser proporcionada a seus filhos”. Dessa maneira é imprescindível reconhecer que a interação família/escola é de suma importância para que ambas conheçam suas realidades e busquem caminhos que concedam e proporcione a comunicação entre si, para maior desempenho educacional filho/aluno.

A família em conciliação com a escola formam partes essenciais para o pleno desenvolvimento do aluno e de modo conseqüente são bases indispensáveis no desempenho escolar. Todavia para conhecer a família é primordial que a escola abra suas portas e que garanta sua permanência. Os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se com possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos.

Hess & Holloway, conforme citados por Ensminger & Slusarcick (1992), destacam cinco aspectos do processo de funcionamento da família considerados fundamentais para promover a integração entre esses dois ambientes. São eles a interação verbal entre a mãe e a criança, um relacionamento afetivo positivo entre os pais e a criança, as crenças e as influências dos pais sobre os filhos, as estratégias disciplinares e de controle e as expectativas dos pais. Estes aspectos influenciam a família, de maneira direta, e a escola, indiretamente, constituindo-se num campo de investigação extremamente rico, cujos dados que diz respeito à elaboração de planos e projetos nacionais (Bock, 2003; Marques, 2012).

Pesquisas apontam possíveis resultados da interação positiva dos pais na escola para o desenvolvimento escolar do filho, no entanto essa interação dos pais de maneira alguma de ser visualizada como aquela que assegura o bom desempenho. O desenvolvimento escolar do aluno é um processo que tem sua evolução característica na escola e deste modo com influencia da família. Diante disso, mesmo quando a instituição escolar projeta e efetua um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só é patenteada quando este é rodeado de atenção da família e da comunidade. Isto posto, a família e a comunidade devem ser orientadas quanto às novas abordagens aplicadas no ensino, almejando acompanhar o progresso e as necessidades do aluno. Desta maneira, suas funções distintas devem ser reforçadas, a fim de que não se propague o discurso ideológico de que o desempenho escolar está sujeito inteiramente à forma da família agir no contexto escolar do filho, mais sim a união de ambas família/escola. Autores como Allen & Fraser (2002) alegam que a figura dos pais no ambiente escolar é de suma importância, pois é nas reuniões que são possibilitadas as condições de assistência aos pais, para que estes se conscientizem de seu significado para o desempenho escolar de seus filhos e conheçam sobre o desenvolvimento e comportamento das crianças e co-assumam responsabilidades em relação às atividades propostas pela escola. Os mesmos ainda ressaltam que quando os pais identificam um ambiente de aprendizagem favorável, desenvolve uma relação de confiança com a escola. No que tange à escola, a qualidade da instrução, a organização escolar, as metodologias de ensino, o número de alunos em sala e o apoio pedagógico fornecido aos professores são evidenciados como aspectos que podem contribuir para a melhoria do sistema escolar (Hess & Holloway, conforme citados por Ensminger & Slusarcick,1992).

Nesse contexto podemos constatar que a união da escola e a família resulta no processo ensino-aprendizagem com amplas condições de sucesso. Essas duas entidades socialmente edificadas carecem e devem estar conscientes do seu papel, devendo ser compartilhantes do processo de desenvolvimento dos alunos/filhos, de modo que eles sejam independentes e com capacidade crítica para atuar na sociedade.

É função da escola estimular as famílias para uma possível compreensão do entendimento da relação entre ambas, a escola deve repassar as fases do desenvolvimento do aluno, assim como interagir e compartilhar com as famílias projetos e programas da instituição como: PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola), PPP (Projeto Político-Pedagógico) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), para que a família tenha nítido conhecimento e integre-se de alguma forma a educação que está sendo repassada aos filhos. Por conseguinte, se a escola interagir com os alunos, com os pais, enfim, todos envolvidos na vida escolar dos alunos, haverá a possibilidade de se construir projetos que visam melhorar mais a formação de cada aluno (PCN de 6º ao 9º).

Sabemos também como nos diz Reis (2008) que alguns professores se queixam que facilitam à participação dos pais na vida da escola mas estes continuam a desinteressar-se da educação dos seus filhos, e delegam na escola toda a responsabilidade. São poucos os pais que vêm à Escola mesmo quando são convocados para o efeito. Muitos pais não contactam com os professores, não participam nas reuniões e não se envolvem nas atividades da escola.

Davies citado por Reis (2008, p.135) mostrou num estudo realizado em escolas portuguesas, que as crianças de classe “baixa” são as que mais poderão beneficiar com o envolvimento dos pais mas que são os pais da classe média que mais participam e se envolvem com o projeto educativo da escola. Assim, o fosso entre as crianças de baixos rendimentos e as crianças de classe média pode aumentar ainda mais e afastar a escola da igualdade.

Esta parceria do envolvimento da família com a escola e os professores retiram vantagens pois tornam mais fácil e satisfatório o trabalho do professor, enquanto profissional, e estes serão mais valorizados e conquistam simpatia por parte dos pais.

Marques (1993) refere que a separação entre a escola e as famílias é sem dúvida um obstáculo ao sucesso das crianças.

1.4 - CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Segundo o dicionário Aurélio (2010) educação é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”.

A educação não tem um método concreto a seguir, o que ela tem são caminhos adversos, a escola entra com abordagens e conhecimento a ser repassado e o aluno por sua vez contribui com a sua bagagem de vida e por que não dizer com sua aprendizagem e vontade de aprender. A educação não vem pronta, ela é construída pouco a pouco no ambiente escolar. E quando é procurado palavras para defini-la, descobrimos que ela é um tanto complexa e volátil. Foi na antiguidade que os fatos eram transmitidos pela sua demonstração, cativando deste modo a atenção dos alunos. Mas com o aumento abrupto e exponencial da informação, e também de pessoas sedentas de informação, não se soube encontrar um método de ensino capaz de transmitir os fatos com uma componente prática, chegando-se ao atual estado de ensino teórico e rígido.

Freire (1983, p.14) nos diz que “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Afirmação tão coerente nos faz refletir sobre o processo educativo contínuo, como base de uma constante busca pela melhoria da qualidade da formação docente e discente. A ação educativa implica um conceito de homem e de mundo concomitantes, é preciso não apenas estar no mundo e sim estar aberto ao mundo. Captar e compreender as finalidades deste a fim de transformá-lo, responder não só aos estímulos e sim aos desafios que este nos propõe. Não posso querer transmitir conhecimento, pois este já existe, posso orientar tal indivíduo a buscar esse conhecimento existente, estimular a descobrir suas afinidades em determinadas áreas.

Na concepção tradicional de Educação, o aluno chega á escola com a cabeça vazia, cabendo à escola colocar-lhe um conjunto de conhecimentos factuais e habilidades intelectuais, testando periodicamente a aquisição destes conhecimentos através de provas e exames. As habilidades intelectuais mais valorizadas são a

linguística (capacidade de ler, compreender e escrever textos) e a lógica-matemática (capacidade de processar informação quantitativa).

Deste modo, o aluno atravessa um percurso, em que etapa após etapa, dum modo previamente estabelecido lhe são despejados conhecimentos que tem de assimilar com o objetivo de passar para a próxima fase. Portanto, o conjunto de fatos que lhes eram transmitidos não eram sinônimos de conhecimento adquirido, porque basicamente este método apenas incentivava a memorização dos fatos e não as capacidades cognitivas tais como a interpretação, julgamento e decisão dos fatos, ignorando os estilos individuais de aprendizagem de cada aluno.

O que podemos esperar da educação que queremos dar aos nossos filhos? O que queremos transmitir-lhes?

Qualquer pai concordaria que queremos no mínimo, transmitir-lhes uma cidadania possível, tal como nos diz Calligaris (1994, p.25)

[...] Em nossa cultura, tanto pouco tradicional, não existe um ato simbólico único que possa traduzir a criança ou o adolescente ao estatuto de sujeito e cidadão. Dispensamos rituais que possam preencher esta função. Ganhamos com isso em liberdade e autonomia; mais por outro lado, a educação e castração tornaram-se se não problemas, no mínimo, questões. A socialização não é para nós um ato-que seja uma prova ou uma festa de boas vindas-mais um processo longo incerto”

A ideia orientadora é moldar os alunos para o mundo fabril que os espera, usando técnicas semelhantes a uma linha de montagem; salas de aulas isoladas e limitadas em recursos; mesas e cadeiras alinhadas em filas; o professor desempenhando a função de dono e empregador principal do conhecimento; e a apresentação da informação limitada aos livros-texto e do quadro negro numa forma linear e sequencial.

Neste modelo de educação, há poucas oportunidades para a simulação de eventos naturais ou imaginários, tanto para aumentar a compreensão de conceitos complexos como para estimular a imaginação. Outro grande inconveniente deste modelo, é o fato de haver uma grande divisão do conhecimento (matemática, geografia, história, física) não havendo a possibilidade de ver os possíveis inter-relacionamentos entre eles.

A instituição escolar é uma organização imprescindível na formação dos indivíduos, conforme Teixeira (2013) a escola como organização é uma entidade social complexa onde se inter-relacionam várias estruturas e múltiplas intervenientes: alunos, pessoal docente, pessoal não docente, pais e comunidade em geral, contribuindo todos para uma mesma finalidade e missão. Sendo a escola uma organização o seu propósito fundamental é o sucesso escolar e educativo dos alunos, é conceber cidadãos aptos a uma sociedade em contínua mudança evolução. Souza (2009, p.7) cita a Constituição Federal ao referir que

[...] A educação, direito de todos, do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo, seu exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A prática escolar tem apresentado que a participação dos pais é de vital importância para o desempenho escolar e social das crianças. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no seu artigo 4º disserta (Souza 2009, p.7)

É dever da família e da sociedade em geral e ao poder público assegurar com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte e ao lazer, a profissionalização, a cultura, a liberdade e a convivência familiar e comunitária.

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e bases da educação do seu artigo 1º traz o seguinte discurso,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996).

Souza (2009) refere ainda que apesar da legislação ser clara no que se refere à inclusão familiar no contexto escolar, isso não tem sido suficiente para superar o grande

atraso do sistema educacional. Marchesi (2004) citado por Souza (2009), diz-nos que a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições da comunidade sendo a nosso ver a família a instituição um dos pilares mais importantes.

Sendo assim, se levarmos em consideração que FAMILIA e ESCOLA buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas comunicar os mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias. Reis (2008) afirma que A escola tem uma grande responsabilidade em promover uma comunicação eficaz entre as famílias, as crianças e os professores, sendo a comunicação um factor essencial para a sua sobrevivência e desenvolvimento. É preciso diálogo entre a escola, pais e filhos

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas.

A educação é processo de interligação das pessoas: não existe somente aquele que ensina e outro que aprende, ambos interagem na construção de mudanças, a educação é um processo dinâmico. “A educação é a pratica mais humana considerando-se a profundidade e a amplitude de sua influencia na existência dos homens, desde do surgimento do homem é pratica fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser natural, de ser cultural dos homens do mundo natural, de existir, dos demais seres vivos “(Severino, 1993).

Por sua vez segundo a lei que rege a educação no Brasil, LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) – Lei 9394/96 aprovada em 20 de dezembro de 1996 no seu 1º artigo diz, ” A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. ” Isto é, percebe-se que a educação não está restrita ao mundo da escola e, sim podemos afirmar que a escola deve ser o mundo todo, todas as experiências vividas ao longo da historia de cada um e de cada grupo social. Contudo a LDB, busca disciplinar a educação escolar, e os espaços do ensino, as instituições escolares, sem, com isso isola-las do restante, principalmente garantindo o vinculo com as praticas sociais e o mundo do trabalho.

Vale frisar o que diz a LDB no artigo 2º “A educação dever da família e do Estado inspirada nos princípios básicos de liberdade e ideias de solidariedade humana,

tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania, sua qualificação para o trabalho. Dessa forma, conclui-se que a educação sozinha não pode garantir a construção de uma sociedade democrática, solidária e justa. Porém sem ela esta tarefa seria mais difícil.

Analisando a sociedade, percebe-se que a educação não é a mesma para todos, pois mesmo no universo desta, existem discriminações e até exclusões. Uns são educados para serem cidadãos, para decidirem rumos, para tomarem decisões, já outros são educados para obedecer, para o trabalho e existem aqueles que nem isso consegue, ou seja, “serem educados”, mas, mesmo estes, constroem um processo pedagógico de sobrevivência, de reprodução social, de resistência educativa.

2 – FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DO SUCESSO E INSUCESSO ESCOLAR

As políticas de retenção surgem com o aumento do número de alunos nas escolas após a revolução industrial. Entende-se por retenção quando um aluno se mantém no mesmo nível de ensino, ou seja, fica retido durante um ano adicional, em vez de passar para um nível superior com os seus pares. Em alguns contextos são utilizados os termos recuperação, repetição e reprovação.

A retenção é com frequência associada ao insucesso escolar, embora possa ser resultado de doença prolongada ou faltas intermitentes, mas de elevado número.

2.1 - O SUCESSO E O INSUCESSO ESCOLAR

Para Goddard, Tschannen & Hoy (2001) citados por Chechia & Andrade (2005, p.433) “o sucesso escolar é uma construção social que se constituem, frequentemente, de crenças e concepções compartilhadas por pais e alunos. Dentre vários aspectos da dinâmica desse sucesso, faz-se necessário uma interação dos pais com o cotidiano escolar” como já foi supracitado.

Chechia & Andrade (2005) referem que a qualificação da escola e a valorização do conhecimento escolar são ambos valorizados por parte dos pais, já que os dois influenciam as condições de sucesso /insucesso escolar.

O tema do sucesso e insucesso escolar é rotineiro nas políticas e enunciados educativos, assim como na análise dos investigadores das “ciências da educação”. Em decorrência disto, tem-se a disposição, nos dias que correm, um conhecimento aprofundado e empiricamente testado sobre a serie de elementos que estão na origem e no desenvolvimento da aprendizagem escolar e, principalmente, das suas dificuldades.

Corroborando com Benavente (1990, 1998) o insucesso escolar tem um carácter massivo, constante, precoce, seletivo e cumulativo. Para tais dificuldades, os estudos enfatizam, nomeadamente, os padrões culturais, a linguagem e o próprio processo de socialização das crianças no seio da família e da comunidade de pertença, assim como o grau em que se aproximam ou se afastam das práticas e dos padrões exigidos e estimulados pela escola. Por sua vez, a investigação psicológica salienta as variáveis pessoais do aluno e do professor, a qualidade das interações educativas na sala de aula e o relacionamento interpessoal nas escolas, entre outros fatores (Garcia et al., 1998; Ribeiro, 2002; Ribeiro et al., 1999).

Surge, assim, infinidades de variáveis e de situações que, de maneira mais ou menos direta e inter-relacionada, direcionam a aprendizagem e o aproveitamento escolar dos alunos. Almeida et al (2005) cita Formosinho (1987) que a propósito dos fatores influenciadores da aprendizagem refere os fatores sociais “ como os hábitos, projetos e estilos de vida no seio da família, a linguagem, as atitudes face ao conhecimento e à escola, as condições de vida (alimentação, vestuário, horários), o acesso a bens culturais como livros, jogos e novas tecnologias, a zona de residência no que diz respeito às condições comunitárias de lazer, serviços e vida associativa”.

Almeida et al (2005, p.3629) continuam e acrescentam citando Formosinho e Fernandes (1987) e Roazzi & Almeida (1988) que

Por outro ângulo, temos fatores mais diretamente relacionados com as dinâmicas internas das escolas e com as políticas educativas, como, por exemplo, a estrutura do currículo escolar, os manuais escolares, os métodos de avaliação, a qualidade dos espaços e dos equipamentos escolares, a formação e a estabilidade do corpo docente, a dimensão das escolas e das turmas

Por último, Almeida et al (2005) destacam as variáveis pessoais dos alunos (estímulos, capacidades, postura em relação à escola e às aprendizagens), das variáveis pessoais do professor (aptidão científica e pedagógica, personalidade), e das interações educativas entre professor-alunos (diálogo, liderança, métodos de ensino e de avaliação) ou do ambiente relacional na escola (relacionamento interpessoal, dinâmica e trabalho em equipe, controle e coordenação).

Em relação aos conceitos entre disciplina, adaptação escolar e contexto escolar, há a necessidade de se dizer que essa é uma temática para discussão entre escola e família, é provável que alguns comportamentos que se aprende no cotidiano familiar possam propagar-se para o cotidiano escolar. No entanto, a escola demonstra não ter responsabilidade e atribui os problemas que enfrentam somente à família, que esperam por soluções e acreditam que devem ser da escola. Deste modo, a escola atribui o insucesso escolar do aluno a influência ou falta desta à família, desviando a atenção daquilo que a escola pode ter condições de solucionar como, por exemplo, em relação ao aprendizado do aluno, as regras e a disciplina.

De acordo com Carvalho (2000) citado por Chechie & Andrade (2005, p.432),

“o aluno deve ser preparado de acordo com seu contexto e a escola deve aprender a conviver com as diferenças e as constantes mudanças familiares, também deve participar ativamente dessas mudanças, ou seja, promover mudanças em sua forma de atuação, a fim de que saiba lidar tanto com a família que tem tempo disponível para uma participação maior como aquela cujos pais não tem tempo, pois é importante considerar que esta tem preocupações similares á daquela”

O (in)sucesso escolar está relacionado com a avaliação e esta não é passífica enquanto mecanismo controlador de novas aprendizagens. Neste sentido Andrighetto & Richter (2009, p.1544) citam Souza que refere:

“Sem desconsiderar que há causas, fora da escola, que condicionam as dificuldades e insucessos do alunos, é preciso verificar também, dentro da escola, como esta vem tratando as suas dificuldades produzindo os seus fracassos. Reconhece-se que também na escola, por mecanismos mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatórias que acentua o processo de seleção e manutenção da hierarquia social. Ai situa-se um processo de avaliação da aprendizagem que reflete e é um reflexo da dinâmica escolar (Souza, 1991, pag. 103)

Avante uma onda de interpretações populares sobre o fracasso escolar, surgiram críticas às condições escassas, a respeito das deficiências do sistema educativo como um todo. Em geral sendo que não apenas o sistema educativo é responsável; mas também

toda uma conjuntura (o próprio aluno, professores, pais). Por esse motivo, falar de sucesso ou de insucesso escolar implica por em causa não apenas os alunos, mas também os docentes, a instituição de ensino, pais enfim, toda a comunidade.

Num país onde a educação nem sempre é tida por todos como uma questão primordial, raramente é discutida a repetência pois é tida como polemica. Se de um ponto de vista ela é desnecessária pois implicaria em uma possível “traumatização” e até humilhação para o aluno, acarretando inclusive um problema de atraso na escola, por outro ponto de vista é tida como uma medida aceitável, justificando que se o aluno não obtiver êxito nas atividades avaliativas é necessário que ele repita o ano letivo, com intuito de que no ano posterior ele venha a ter sucesso escolar..

Encontro nesse sentido em Hoffmann (1993) refere que é temeroso o fato da escola estar a perder a pouco e pouco o sentido crítico necessário a vida atual. É necessário que a criança e o jovem “vivam” a escola.

Os defensores da retenção entendem-na como uma ação corretiva válida de que dá aos alunos a oportunidade a aprendizagem necessária para o sucesso nos conteúdos curriculares do ano seguinte. Referem também que é uma forma de transmitir aos alunos a elevada expectativa que a sociedade mantém. Referem também que a retenção conduz a grupos de alunos mais homogêneos (Conboy & Fonseca, 2013).

Os opositores dizem que pode haver benefícios a curto prazo mas ao longo do tempo os alunos retidos não adquirem benefícios a nível de desempenho e podem sofrer prejuízos nomeadamente socioafetivos, como a autoestima, relações com os pares e atitudes respeitantes à escola. Alguns estudos referem mesmo que os alunos retidos aprendem menos do que se tivessem passado de ano (Hong & Raudensbush, 2005). Por outro lado a retenção é associada ao abandono escolar e o aluno retido torna-se perturbador na turma pelo desfasamento de idades e pela necessidade de afirmação perante nova turma (Conboy & Fonseca, 2013). Não podemos esquecer também o esforço económico da retenção.

2.2– EVOLUÇÃO DA ANÁLISE DO SUCESSO E INSUCESSO ESCOLAR

Na década de setenta, com o processo de democratização e massificação do ensino, o insucesso escolar emerge como um dos temas de maior interesse de pesquisas por parte dos psicólogos, pedagogos, sociólogos e da sociedade. Surgem pesquisas que vão além do âmbito da formação técnica do magistério como causa das dificuldades de aprendizagem e contemplam a representação docente, seja de seu trabalho, seja de seus alunos, no interior do conceito de profecia auto realizadora. Começam a ser considerados fatores até então não levados em conta na reflexão sobre a qualidade da escola e a produção do fracasso escolar, com as condições salariais do magistério.

A novidade maior na segunda metade daquela década ficou por conta de pesquisas qualitativas voltadas para o interior da instituição escolar: a burocratização e sua influência sobre a qualidade do trabalho docente; a distância entre a cultura escolar e a cultura popular nos termos do pressuposto da carência cultural; a inadequação do material didático; a discriminação das diferenças no interior das escolas, sobretudo nas classes especiais. Mesmo assim, tratava-se de um campo cindido: enquanto alguns estudos enfatizava a estimulação cognitiva das crianças pobres em idade pré-escolar como estratégia preventiva de dificuldades de aprendizagem, outros começavam a destacar aspectos da estrutura e do funcionamento institucionais, suas repercussões nas práticas docentes e, por esta via, no rendimento escolar dos alunos. Mas a maioria das pesquisas que levavam em conta as chamadas variáveis intra-escolares estava centrada num aspecto da tese da carência cultural: a escola é inadequada às características psíquicas e culturais da criança carente. O que se destacava, portanto, era o desencontro entre professores e alunos, entre a escola e seus usuários, sem que ficasse nítido que esse desencontro é inerente à escola como instituição social que reproduza lógica de uma sociedade dividida e classes. Por isso, continuou o predomínio de prescrições técnicas para a democratização da escola. Os tempos ainda eram de ditadura e da crença na redenção do país pelo desenvolvimento técnico e pela manutenção da ordem.

De acordo com Martins (2009) as teorias críticas reprodutivistas e a pesquisa do fracasso escolar tiveram, assim, a oportunidade de emergirem em prol da pesquisa o insucesso escolar. A autora cita as ideias de Pthusser (1974), Bordieu (1974), Bordieu & Passeron (1975), Establet & Boudelat (1971), as quais influenciaram os pesquisadores brasileiros, que introduziram a possibilidade e se pensar o papel da escola no âmbito de uma concepção crítica da sociedade. Viram a escola como um lugar no qual se exerce a dominação cultural a idealização a serviço da reprodução das relações de produção. O

conceito de dominação nem sempre pode ser apreendido em sua essência e passou a ser usado no mesmo sentido histórico que era usado na literatura americana, isto é, como uma imposição de cultura de maioria a grupos minoritários.

Martins (2009, p.29) refere que a leitura de Bordieu & Passeron, “que vigorou na pesquisa do fracasso escolar até meados dos anos 70, desempenhou alguns papéis importantes: primeiro, chamou a atenção para a relação professor/aluno, que não eram tão destacado na dimensão tecnicista; segundo, chamou atenção para dominação e a discriminação artificial presentes no ensino tornou-se mais próximo a possibilidade de a educação ser pensada a partir de seus condicionamentos sociais, contribuindo para superação do mito da neutralidade do processo educativo e abrindo caminho para concepção dialética da totalidade”.

Acrescenta ainda a autora (Martins, 2009, p.29) onforme pensamentos dos autores supracitados

“é justo acreditar que uma das questões do fracasso escolar esteja na estrutura, como a mesma é organizada, se é que assim podemos dizer. O fracasso especificamente é do aluno que não é aprovado, que excluído da escola, que fracassa etc. mas os professores e a escola, o sistema, todos são responsáveis por esse fracasso, na medida em que as ações que são tomadas para diminuir ou eliminar essa situação são fragmentadas e setorizadas. O governo através de políticas públicas, determina as ações a serem tomadas: as escolas aprofundam as questões teóricas sobre o fracasso, a partir da visão do aluno sem envolvimento maior dele no processo. Então a questão do fracasso, a partir da visão do aluno, sem o envolvimento maior dele no processo. Então a questão do fracasso é um problema de concepção de estrutura que pode chegar a um bom termo se todos estiveram comprometidos no mesmo sentido de supera-lo”.

Em suma, isso foi o ponto de partida, para que se comesçassem as exigências em torno de buscas de soluções para tal problema se encontrasse formas de garantir o sucesso de todos os alunos, visto que o insucesso escolar é tido como um fenômeno relativamente recente, a partir da introdução da escola como obrigatória em meados do século 20. Dessa forma as dificuldades no ensino foram ao longo do tempo se intensificando. Segundo Perrenoud (1999), citado por Martins (2009, p.21) tais dificuldades foi “desde que se passou a considerar a educação como um investimento, o

fracasso escolar maciço tornou-se num problema social observando-se a transformação das classes sociais e o desenvolvimento da escolarização”.

Logo, foi deixado de lado a concepção tradicional que o culpado do insucesso escolar era o próprio aluno que era apolado de preguiçoso, distraído e desinteressado, dando lugar posteriormente a escola, que não mesclava condições prescindíveis para uma boa aprendizagem, e ainda aos professores desmotivados e na maioria das vezes sem uma qualificação de qualidade.

Segundo Jamati (2004) citada por Martins (2006, p. 21)

“antes dos anos 60 do século passado a preocupação com o fracasso escolar maciço das crianças provenientes das denominadas camadas populares era diminuta, pois tal fracasso estava na “ordem das coisas” ficando durante bastante anos ocultados por estrutura escolar que justapunha duas ideias educativas compartilhadas: uma popular que desemboca na vida ativa e outra mais elitista, que preparava para os estudos superiores”

2.3 – CAUSAS E EFEITOS DO INSUCESO ESCOLAR

Nos últimos anos, muito tem se falado e refletido sobre as causas e efeitos do sucesso e do fracasso escolar. Sempre objetivando uma explicação para tal problemática que tem sido uma preocupação constante ao longo das ultimas décadas. Pesquisadores, como Polônia & Dessen (2005) e Paro (2007), indicam que desde outrora a família tem estado por trás do discurso sobre o sucesso escolar ou tem sido apontada pelo fracasso escolar de seus filhos. Segundo Polônia & Dessen (2005), muitas vezes a família é vista como a impulsionadora da produtividade na escola, e o distanciamento da vida estudantil de seus filhos como um provocador em potencial do desinteresse e da desvalorização da educação.

Em linhas gerais o insucesso escolar tem um conceito muito amplo e implica uma multiplicidade e uma enorme variedade de causas, logo, se caracteriza pelo baixo rendimento escolar do aluno que por razões diversas não conseguiram obter resultados satisfatórios no decorrer ou no final de um determinado ciclo escolar, em consequência reprovam. Por conseguinte, esse problema de fato gera certo impacto na vida escolar

dos alunos, assim como no nível do sistema educativo dos pais, pois com registros negativos há uma grande deficiência de alunos que conseguem chegar ao nível superior. Nesse sentido, notoriamente o mercado de trabalho encontra dificuldades para encontrar mão de obra qualificada.

É importante ressaltar que o insucesso escolar não é uma fatalidade em si e as crianças não estão destinadas a ser más ou boas alunas, tudo é subordinado da performance da escola, da sua relação com o meio social e as qualidades da própria criança.

É diante de três relativos fatores que é voltado o insucesso escolar: o aluno, o meio social/familiar, e a instituição escolar. Em meio a esses elementos, estão os fatores endógenos e exógenos que afetam o rendimento escolar do aluno, assim como é tido como causas principais do insucesso escolar.

Corroborando a isto, Martins (2006, p.30) concorda com Veiga (1998) quando refere que as causas do insucesso escolar são variadas e podem depender de fatores endógenos e exógenos à escola, embora haja a tendência a responsabilizar as exógenas porque são as mais palpáveis, mas são de desprezar os factores endógenos.

Para Martins (2006, p.30-31) os fatores exógenos do insucesso escolar podem ser classificados como:

- “- Características socioeconômicas e culturais da comunidade educativa;
- Origem sócio cultural dos alunos;
- A profissão e a habilitação dos pais e encarregados de educação;
- O tipo de habilitação em que vivem e a distância a escola”.

No tocante aos fatores endógenos, do insucesso escolar a mesma autora refere entre outros os seguintes:

- “- Habilidade e preparação profissional do corpo docente;
- Os conflitos institucionais;
- A relação professor/aluno, aluno/aluno, pessoal auxiliar/aluno e professor/pessoal auxiliar;
- Existência e disponibilidade de equipamentos didáticos, estado de conservação das instalações e materiais”.

No que concerne a consequências do insucesso escolar, é possível ver o mesmo se manifestar de diferentes formas, mais sempre com suas bases marcadas pela forte desmotivação. Quando um aluno percebe que não está conseguindo obter êxito escolar, na grande maioria dos casos acaba que desistindo da tarefa acadêmica, desistindo de ir às aulas, sentindo as aulas fatigantes e em ultimo caso, ele tem de si mesmo uma imagem negativa, desta forma procurando meios para sair insatisfação pessoal, recorrendo na maioria dos casos á atividades que não trazem beneficio algum para ela e para a sociedade.

2.4 - O PAPEL DO PROFESSOR NO SUCESSO E INSUCESSO

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1999) definiu as condições de trabalho para os professores ao reconhecer o lugar central que estes ocupam na sociedade, uma vez que são responsáveis pelo preparo do cidadão para a vida

O papel do professor e de suas características tem sido amplamente reconhecido como um dos principais fatores que influem sobre a qualidade das relações professor-aluno e da aprendizagem dos alunos na escola. O conhecimento acadêmico e metodológico dos professores é tradicionalmente defendido como relevante para uma prática pedagógica bem-sucedida. As transformações sociais, as reformas educacionais e os modelos pedagógicos derivados das condições de trabalho dos professores provocaram mudanças na profissão docente, estimulando a formação de politicas por parte do Estado.

De acordo com Souza et al. (2003) citado por Gasparini, Barreto & Assunção (2005, p.191)” até os anos de 1960 a maior parte dos trabalhadores do ensino gozava de uma relativa segurança material, de emprego estável e de um certo prestígio social, já a partir dos anos de 1970, a expansão das demandas da população por proteção social provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, entre eles a educação”.

Os mesmos autores (Gasparini Barreto & Assunção (2005, p.191) citam Teixeira (2001) Barreto & Leher (2003) e Oliveira (2003) referindo ainda que “embora o sucesso

da educação dependa do perfil do professor, a administração escolar não fornece os meios pedagógicos necessários às realizações das tarefas, cada vez mais complexas. Os professores são compelidos a buscar então, por seus próprios meios, formas de requalificação que se traduzem um aumento não reconhecido e não remunerado nas jornadas de trabalho”

No processo de formação de professor, existe uma gama enorme de trabalhos teóricos, que acabam influenciando o percurso educacional deste profissional. É importante, no entanto, uma preocupação em desenvolver nesta formação alguns aspectos, dos quais Aranha (1996, p. 152) destaca três:

“Qualificação: professor deve adquirir os conhecimentos científicos indispensáveis para o ensino de um conteúdo específico.

Formação pedagógica: a atividade de ensinar deve superar os níveis do senso comum, tornando-se uma atividade sistematizada.

Formação ética e política: o professor deve educar a partir de valores e tendo em vista um mundo melhor”.

Por sua vez, esta orientação não basta para termos um profissional de uma educação integral, ou seja, é fundamental não somente qualificar para saber o que trabalhar e como trabalhar, mais também, é fundamental qualifica-lo na perspectiva de compreender para quem trabalhar e para que educar. Esta preocupação formativa é necessária, principalmente, se compreendermos que a educação tem um papel transformador da sociedade e, portanto, o educando é um de seus instrumentos dessa possível transformação.

Martini (2002, p. 149) citando Coll & Miras;1996; Coll & Solé, 1996; Sacristán & Gomes, 1998; Del Prette, 1990 refere que

“As relações professor-aluno, geralmente iniciadas, mantidas ou concluídas através da mediação direta ou indireta do professor, constituem um momento privilegiado de concretização do seu pensamento pedagógico e da transmissão, intencional ou não, de suas crenças e sentimentos sobre o aluno, sobre as causas responsáveis pelo sucesso e fracasso dos seus alunos na

escola, sobre seu próprio papel como professor, sobre a função da escola e tantos outros aspectos importantes do contexto educacional”.

Ferreira (2009) refletindo sobre Jung, refere que este entende que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdo. O que se trabalha com os alunos é muito mais importante que o método que utilize. Ferreira (2009, p.24 e 25) citando Jung afirma que o professor deve ser uma personalidade capaz de educar pelo exemplo: “Sua tarefa não consiste apenas em meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total...” (Jung, 1981. p. 59).

Ferreira (2009, p.25) por sua vez refere que

“desde que o relacionamento pessoal entre a criança e o professor seja bom, pouca importância terá o método didático correspondente ou não às exigências mais modernas. O êxito do ensino não depende do método, de acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimentos, mas sim contribuir para que elas se tornem adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu libertar ou não o jovem ser humano de sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem essa consciência de si próprio, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade e continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar ou outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros.

Segundo Ferreira(2009, p. 25) Jung considerava imprescindível a educação dos adultos: “... ninguém, absolutamente ninguém, está com a educação terminada ao deixar o curso superior” Além disso, o autoconhecimento e o aprendizado contínuo devem ser para o educador uma segunda natureza: “Sua cultura não pode estacionar, pois, de outro modo, começará a corrigir nas crianças os defeitos que não corrigiu em si próprio”.

Ferreira (2009, p.25) refere ainda que Jung (1995) ressaltava que o professor tem “ tarefa difícil, porque, se não deve exercer a autoridade de modo que subjogue, também precisa apresentar justamente aquela dose de autoridade que compete à pessoa adulta e entendida diante da criança. “{...} É preciso que ele mesmo seja uma pessoa

correta e sadia; o bom exemplo é o melhor método de ensino. Por mais perfeito que seja o método, de nada adianta se a pessoa que o executa não estiver acima dele em virtude do valor de sua personalidade”

Para Ferreira(2009, p.26)

“o professor e a escola ainda contribuem para a gradual diferenciação do ego, com o objetivo de formar um indivíduo consciente. A escola contribui para o processo de desligamento da criança com a família, ampliando sua consciência. Quando Jung fala de desligar o aluno da família, está se referindo a algo comparável a um segundo nascimento, a um rompimento de um cordão umbilical simbólico, sem o qual não seria possível a produção de cultura”.

Bion (1962) valoriza sobremaneira a tolerância da mãe ao choro e a angústia do bebê. Essa capacidade, chamada pelo autor de *rêviere*, da mãe em ficar com o seu bebê, sem se desesperar, é a condicionante do desenvolvimento mental deste. O estado mental de acolhimento a qualquer emoção que venha da pessoa amada, conforme o autor vai nos falar que para sermos capazes de aprender é necessário sermos capazes de manter o problema na mente, diante da tendência de procurar eliminar o que nos angustia via processo de negação, onisciência ou projeção (expulsão).

Para pensar é necessário estabelecermos vínculos entre os elementos e para isso é preciso o tempo da mente, que é diferente da cronologia das coisas contemporâneas. Tempo esse - o da mente - resultado de liberdade e de um trânsito interno livre. Para isso são bem-vindos a ilusão, o acolhimento e continência, no sentido da criação de um espaço para a dúvida e reflexão. Essas condições possibilitam-nos desenvolvermos a capacidade de pensar e dar lugar ao desejo de conhecer. Em minha interpretação teria, pois, o professor, para Bion, o difícil papel a desempenhar de tolerante estratégico.

2ª PARTE – INVESTIGAÇÃO EMPIRICA

3 – METODOLOGIA

Neste capítulo iremos definir os procedimentos metodológicos relacionados com o estudo empírico. Faremos uma contextualização da problemática em estudo, apresentamos as questões de investigação e definimos os objetivos. Descrevemos o tipo de estudo, as variáveis, a amostra, os instrumentos de recolha de dados e os procedimentos efetuados bem como a previsão do tratamento estatístico.

3.1- QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

Como já referimos anteriormente na fundamentação teórica, a escola enquanto organização tem como propósito fundamental o sucesso escolar dos seus alunos e para isso a comunicação e o relacionamento entre família e a escola é fundamental para atingir esse objetivo. Procurando atingir os mesmos objetivos deverão igualmente compartilhar das responsabilidades. Verificamos assim que a par da escola, a família tem um papel importante no processo de ensino/aprendizagem e que para além do apoio que poderão dar em casa nas tarefas escolares dos alunos, a sua presença na escola nas reuniões ou acompanhamentos leva a que tomem consciência da vida escolar dos seus filhos. Esta aproximação leva a que a escola conheça as dificuldades e preocupações dos pais e por outro lado os pais são levados a interessar-se pelas coisas da escola e a assumir maiores responsabilidades no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos.

A escola tem um papel importante nesta parceria e deve envolver a família dos educandos nas atividades escolares e desta forma esta ser um fator estimulador da aprendizagem. É por todos conhecido que as famílias de hoje têm sofrido profundas transformações, se encontram por vezes com estruturas pouco coesas, com alterações na funcionalidade familiar e a viver circunstâncias que não são facilitadoras desta relação com a escola. Na nossa experiência como docente de uma escola, que tem com alunos

do 5º ano ao 9º ano de escolaridade, verificamos existirem famílias com pouco envolvimento nas atividades escolares dos seus filhos e percebemos que algumas dessas famílias poderão estar a passar por momentos difíceis que interferem na sua funcionalidade familiar o que poderá estar a influenciar o sucesso escolar dos seus filhos.

Perante estes dados entendemos ser pertinente a realização deste estudo nos alunos dos 6º anos da Escola Municipal Maria Iraci Teófilo de Castro, na cidade de Taquarana / Alagoas. Colocamos como pergunta de partida a seguinte:

Será que o envolvimento da família nas atividades escolares dos seus filhos influencia o seu desempenho escolar?

Com esta questão principal, outras interrogações se nos colocaram

- Quais as características sociodemográficas dos familiares e dos alunos do 6º ano?
- Quais os hábitos de vida e os comportamentos dos alunos?
- Qual o sucesso/insucesso dos alunos?
- Qual o relacionamento e o apoio familiar dos alunos?
- Ou qual o envolvimento dos pais dos alunos dos 6º anos na escola?

De acordo com estas questões definimos um conjunto de objetivos que procuram responder a algumas das questões que esta problemática levanta.

Como objetivo Geral:

- Avaliar a relação entre o envolvimento dos pais na escola e o sucesso escolar dos alunos

Como objetivos específicos pretendemos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos alunos;
- Caracterizar o perfil sociodemográfico da família dos alunos;
- Avaliar alguns hábitos de vida dos alunos;

- Avaliar o desempenho (sucesso/insucesso) e atividades escolares;
- Avaliar os comportamentos dos alunos;
- Avaliar o envolvimento dos pais na escola;
- Avaliar o relacionamento e o apoio familiar dos alunos;
- Identificar, de entre os fatores estudados, aqueles que mais influenciam o sucesso/insucesso dos alunos;

3.2 - TIPO DE ESTUDO

Considerando os pressupostos teóricos e os objetivos pretendidos realizamos um estudo exploratório-descritivo, quantitativo e correlacional na Escola de rede municipal Maria Iraci Teófilo de Castro no ano de 2015, com as turmas de alunos de 6º anos. Para melhor compreendermos o envolvimento dos pais nas atividades escolares dos filhos, aplicamos um questionário voltado para os pais, afim de saber o quanto estes participam da vida escolar de seus filhos.

Também podemos analisar a convivência dos mesmos com seus pais e para isso organizamos reuniões que aconteceram na escola, intituladas como jornada pedagógica. Nas reuniões, entrevistamos várias mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos na escola, registramos o momento tirando fotos, fazendo questionamentos informais e colocando a par a situação de cada aluno no ambiente escolar.

Observamos em sala de aula alunos inquietos, dispersos que não respondiam às atividades propostas pelos professores e através de relatos dessas mães constatamos o motivo de tanta inquietude em sala de aula.

Em relação ao uso da combinação do método qualitativo e quantitativo, ambos não se excluem. Eles diferem na forma e na ênfase permitindo ter uma combinação capaz de contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno em análise. Assim, é importante afirmar que os métodos qualitativos e quantitativos são distintos, porém não guardam relação de oposição podendo combiná-los para uma maior eficácia nas pesquisas que optarem por esta combinação.

3.3 –VARIÁVEIS

Neste estudo, para a seleção de variáveis, tivemos em conta a pesquisa bibliográfica que efetuamos, assim como a experiência pessoal e profissional.

A **variável dependente** na presente investigação é o sucesso escolar dos alunos do 6º ano da escola Municipal Maria Iraci Teófilo de Castro. Esta variável foi quantificada da seguinte forma:

- Aluno com sucesso é aquele que nunca reprovou e o aluno com insucesso aquele que já teve alguma reprovação /retenção

As **variáveis independentes** são avaliadas pelas perguntas do questionário e que nós agrupamos do seguinte modo:

- Envolvimento dos pais na escola (perspectiva dos pais)
- Variáveis sociodemográficas dos alunos e família (idade, género, residência, família com quem vive, estado civil, escolaridade e renda dos pais)
- Variáveis de relacionamento e apoio familiar (relacionamento com os pais ou responsáveis, ajuda dos pais nos problemas, incentivo aos estudos)
- Variáveis relacionadas com escola e hábitos dos alunos (deslocação e atividades prévias ou depois das aulas, hábitos alcoólicos, tabágicos e de sono),
- Variáveis sobre o desempenho e atividades escolares (desempenho escolar, reprovação /retenção, tempo de estudo, período/horário das aulas, trabalhos escolares, ajuda dos pais nos trabalhos, gosto pela escola)

Para além destas variáveis que constam de perguntas do questionário analisamos após entrevistas o relato de algumas mães sobre a convivência e comportamentos dos filhos em casa.

3.4 – POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população do nosso estudo são os alunos do 6º ano da escola Municipal Maria Iraci Teófilo de Castro no ano letivo 2015. Esta escola atende um total 1.782

alunos. Destes, 310 alunos são das séries iniciais (até ao 5º ano), 1160 são do ensino fundamental, 92 alunos do EJA (1º segmento) e 220 alunos do EJA (2º segmento).

Do 5º ao 9º ano de escolaridade, existem alunos dos 9 aos 18 anos e nos dois segmentos do EJA, existem alunos de 15 anos acima.

Optámos por uma amostra não probabilística, ou seja, nem todos os elementos da população têm a mesma possibilidade de ser escolhida para integrar a amostra. Assim, porque sou professora nos sextos anos da escola e o insucesso escolar é um problema que detectei com os meus alunos, irei aplicar o questionário apenas no 6º ano em 8 turmas a funcionar na escola (turnos da manhã – 150 alunos e turno da tarde – 175 alunos) num total de 325 alunos. Estes alunos do 6º ano têm entre 10 e 16 anos de idade. Após recolha dos questionários a nossa amostra ficou constituída por 325 alunos.

Para além do estudo sobre os alunos dos 6º anos de escolaridade procuramos também conhecer os relacionamentos dos pais destes alunos com a escola. Assim, foi aplicada uma escala para avaliar o envolvimento dos pais com a escola.

Reunimos também com os pais dos alunos e realizamos 40 entrevistas

3.5 – INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Depois de identificado o problema, colocadas as questões de investigação, definidos os objetivos e as variáveis bem como a amostra e efetuamos a recolha dos dados. Os instrumentos de recolha de dados permitem ao investigador reunir a informação necessária para dar continuidade ao seu estudo.

Tendo presentes os objetivos utilizamos num primeiro momento um questionário anónimo e confidencial pois permite obtenção de dados de forma simples, podendo ser usado num grande número de pessoas, num curto período de tempo e implicando poucos recursos humanos na distribuição e recolha.

O questionário (ANEXO 1) permitiu recolher informações necessárias para a caracterização da amostra. Numa 1ª parte é dedicado à caracterização sociodemográfica dos alunos e da sua família, na 2ª parte são colhidos dados relacionados com os alunos e a escola, na 3ª parte colhemos dados sobre o desempenho e atividades escolares.

Aplicamos ainda uma escala de envolvimento dos pais com a escola (versão pais (Pereira 2002). Esta escala integra 24 itens elaborados numa escala ordinal tipo Likert de um (1) a quatro (4), com o seguinte significado: (1) nada verdade; (2) pouco verdade; (3) verdade; (4) muito verdade.

O estudo das características psicométricas do instrumento (Pereira, 2008) refere que esta escala é constituída por 4 dimensões do envolvimento parental:

1. Envolvimento parental em atividades da escola e voluntariado. Corresponde à disponibilidade e ao desejo dos pais em participar e organizar atividades no espaço escolar e engloba os itens 1, 6, 10, 12, 13 e 23;

2. Envolvimento da família em atividade de aprendizagem em casa: itens 2, 4, 5, 9, 15, 19, 21 e 24 ;

3. Comunicação escola-família por iniciativa dos pais: itens 3, 14, 17, 18, 20 e 22;

4. Envolvimento em atividades na escola e participação em reuniões de pais e que corresponde à modalidade mais tradicional de envolvimento dos pais por iniciativa da escola: itens 7, 8, 11 e 16

Num segundo momento efetuamos reuniões e entrevistas na escola com a participação dos pais no sentido de motivar os pais no envolvimento com as atividades escolares do filho e no sentido de analisar a convivência e os comportamentos dos alunos em casa. Os questionamentos foram realizados informalmente, mas com um micro guião de três perguntas:

- 1) Acha que seu filho(os) tem tempo suficiente para estudar?
- 2) Ajuda seu filho(os) nas atividades escolares, bem como no seu desenvolvimento escolar?
- 3) Participa com frequência das reuniões dos pais?

Essas indagações foram realizadas em quarenta pais ou responsáveis e foram devidamente filtradas para este trabalho.

3.6 – PROCEDIMENTOS NA RECOLHA DE DADOS

Os dados foram recolhidos através de informação junto da escola e dos professores, pela aplicação de um questionário aos alunos quando em sala de aula e pela aplicação de uma escala de envolvimento dos pais com a escola (versão pais).

Foi solicitada autorização à direção da escola (ANEXO 2) e após o seu consentimento a aplicação dos questionários decorreu nos dias 18, 20 e 01 no mês de Maio e Junho- do ano de 2015. Foram aplicados pela professora responsável Maria dos Prazeres Santos.

No início da aplicação dos questionários em cada turma, os alunos foram informados dos objetivos do estudo, da participação voluntária, foram incentivados a responder a todas as questões e se tivessem dúvidas para perguntar ao professor. Foram informados que os dados seriam apenas para esta investigação, seriam confidenciais e seria mantido o anonimato dos dados.

A cada aluno foi pedido que levasse escala de envolvimento dos pais com a escola (versão pais) para ser preenchida em casa pelos pais ou familiar responsável pela sua educação e que a trouxessem no dia seguinte já preenchida. A escala estava identificada com a turma e o número de aluno e foi depois agrafada com a o questionário do aluno.

No que tange às reuniões, foram realizadas uma reunião no início do ano letivo, onde os pais foram convocados pela escola Maria Iraci Teófilo de Castro, e outra reunião realizada no início do 3º bimestre (a escola trabalha com 4 bimestre ao longo do ano letivo). Na primeira reunião foi divulgado o regimento da escola, onde coloca os direitos e deveres do aluno e os professores colocaram as dificuldades encontradas nas aulas. Na segunda reunião com os pais foi feita uma pequena entrevista aos mesmos. Foram destacadas algumas falas de pais e responsáveis a respeito do que foi abordado. Estas reuniões foram realizadas na Escola Maria Iraci Teófilo de Castro com aproximadamente 200 pais presentes, 40 professores, além de 04 coordenadores e diretor da respectiva escola.

3.7 – PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Após a colheita de dados, efetuamos uma visualização a todos os questionários, e eliminamos aqueles que se encontravam incompletos ou mal preenchidos. Foi criada uma base de dados no programa informático Statistical Package Social Science (SPSS) e foram introduzidos os dados e efetuado o tratamento estatístico dos mesmos.

Os dados recolhidos da nossa pesquisa foram tratados através de estatística descritiva e inferencial. Em relação à primeira, determinámos frequências absolutas (N) e percentuais (%), algumas medidas de tendência central ou de localização como médias e medidas de variabilidade ou dispersão como amplitude de variação, coeficiente de variação e desvio padrão. Quanto à utilização da estatística paramétrica e não paramétrica destaca-se:

Teste de Qui Quadrado – para comparar a proporção entre frequências observadas e esperadas; Teste de Kruskal-Wallis (H) – para comparação de médias entre três ou mais variáveis; Teste de U Mann Witheney (U) – para comparação de médias entre dois grupos independentes; Coeficiente de correlação linear de Pearson (r). para verificar se existem associações

Na nossa investigação para avaliar os valores de significância estatística (p) utilizámos os valores preconizados por Maroco (2007) e Pestana & Gageiro (2008) e que são os seguintes

- $p < 0,05$ diferença estatística significativa
- $p < 0,01$ diferença estatística bastante significativa
- $p < 0,001$ diferença estatística altamente significativa
- $p \geq 0,05$ diferença estatística não significativa

Concluídas as considerações metodológicas relativas à investigação, iremos no capítulo seguinte apresentar e discutir os resultados

4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O propósito deste capítulo é a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos pela aplicação dos instrumentos. Vamos procurar interpretar os resultados mais oportunos para o estudo que estamos a realizar e assim dar resposta aos objectivos e às questões de investigação.

Organizamos a informação em tabelas efectuando as respectivas análises e seguindo a ordem das variáveis e agrupando em função das questões de investigação.

Por uma questão metodológica, começamos por apresentar a caracterização sociodemográfica dos alunos e da família, em segundo subcapítulo apresentamos os hábitos dos alunos e a escola, num terceiro capítulo apresentamos os dados relacionados com o desempenho e atividades escolares, num quarto subcapítulo o relacionamento e apoio dos pais e finalmente os dados relacionados com o envolvimento dos pais na escola e a relação de algumas variáveis com este envolvimento. E por fim em um sétimo subcapítulo apresentamos alguns relatos dos pais nas reuniões escolares.

4.1 – CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS ALUNOS E FAMÍLIA

Constituem a nossa amostra alunos de ambos os sexos, de diferentes idades, do 6º ano do ensino fundamental da escola da escola Municipal Maria Iraci Teófilo de Castro do ano lectivo de 2015. Vamos proceder neste subcapítulo à caracterização sociodemográfica da amostra em estudo.

1 – As idades

Ao analisarmos as características sociodemográficas dos alunos verificamos que a nossa amostra é constituída por 325 alunos (Tabela 1). As idades situam-se entre os 10 e os 16 anos e a média de idades é de 11,96 e um desvio padrão de 1,255.

Atendendo à amplitude de variação de 6 anos poderemos considerar esta diferença de idades significativa pelas alterações de desenvolvimento que nesta fase da vida se verificam.

Para analisar as idades em função de outras variáveis, nas tabelas seguintes construímos 3 grupos etários: grupo 1 - idades \leq a 11 anos; grupo 2 – idades entre 12 e 13 anos; grupo 3 \geq a 14 anos

Tabela 1 – Estatísticas relativas à idade

Idade	N	%	Min	Max	Média	Mediana	Dp
Total	325	100	10	16	11,960	11,000	1,255

2 – Idades, turmas e residência em função do sexo dos alunos

Relativamente ao **grupo etário** verificamos que a maioria dos estudantes (50,8%) têm idades inferiores ou iguais a 11 anos (10 e 11 anos). No grupo dos alunos mais novos (\leq 11 anos) as meninas prevalecem (95 alunas) e no grupo dos mais velhos (\geq a 14 anos) são os rapazes que prevalecem com 39 alunos. A diferença do grupo etário em função do sexo revelou-se estatisticamente significativa ($p = 0.000$).

Fazendo uma análise **por turma** verificamos que nas turmas A e B as meninas são em números mais elevado (com valores superiores a 60% em cada turma) e os rapazes são em maior número nas turmas C, D, G e H também com valores superiores a 65% em cada uma destas turmas, sendo que na turma H esse valor é de 72,2%. Nas outras 2 turmas (E e F) apesar dos rapazes serem em maior números a diferença é mínima. A diferença das turmas em função do sexo revelou-se estatisticamente significativa ($p = 0.007$).

Quanto à variável **residência** verificamos na tabela 2 que a maioria dos alunos provêm do meio rural (61,5%) e são os rapazes que prevalecem tanto da área urbana como rural sendo mais evidente da área rural (35,1%), contudo estas diferenças não se revelaram estatisticamente significativa ($p = 0.860$).

Tabela 2 – Distribuição da idade, turma e residência em função do sexo

Sexo Variável	Masc		Fem		TOTAL	
	N (184)	% (56,6)	N (141)	% (43,4)	N (325)	% (100,0)
Grupo etário						
≤ 11 anos	70	21,5	95	29,2	165	50,8
12 – 13 anos	75	23,1	39	12,0	114	35,1
≥14	39	12,0	7	2,2	46	14,2
					Gr etário/sexo – p=0,000	
Turma						
A	15	4,6	25	7,7	40	12,3
B	17	5,2	26	8,0	43	13,2
C	27	8,3	14	4,3	41	12,6
D	20	6,2	10	3,1	30	9,2
E	25	7,7	22	6,8	47	14,5
F	25	7,7	20	6,2	45	13,8
G	29	8,9	14	4,3	43	13,2
H	26	8,0	10	3,1	36	11,1
					Turma/sexo – p=0,007	
Residência						
Urbana	70	21,5	55	16,9	125	38,5
Rural	114	35,1	86	26,5	200	61,5
					Resid/sexo – p=0,860	

3 – Variáveis familiares

Como nos diz Marques (2012) é reconhecido por todos a importância do papel da família no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, pois é no contexto familiar que se realizam as aprendizagens básicas as quais vão influenciar o seu futuro. Sendo assim não podem os pais atribuir ou delegar unicamente à escola o dever de ensinar e educar ficando isentos de responsabilidade de participar na educação. Por outro lado deve a escola ter consciência deste fato e não substituir a família no desenvolvimento da criança.

Se a família tem esta influência entendemos por bem estudar algumas variáveis com ela relacionadas e constatamos que a maioria dos estudantes (59,1%) **vive com os pais**. Enquanto (33,2%) vive com o pai ou mãe. Concomitante a isto, a **situação familiar** destes ainda faz referência a família tradicional, visto que a maioria do alunado (53,5%) vive com os pais casados ou em união estável. Porém o número elevado de

estudantes com pais solteiros ou separados também se sobressai (129 estudantes que equivale 39,7%). Sabemos que nem sempre as situações de divórcio são pacíficas e os conflitos, muitos deles violentos e na presença dos filhos geram reacções negativas alterações emocionais com sofrimento e baixa auto estima e que originam insegurança e alterações de comportamentos que vão interferir com a aprendizagem.

Numa estrutura em que não há um casamento, pode levar a distanciamento dos pais e seus filhos levando também a alterações na disciplina e rotinas da criança e a manifestar comportamento anti social e agressivo com os colegas ou a isolamento e apresentam dificuldade em se concentrar (Weingardt, 2013). O “aluno-problema” como refere o autor pode ser reflexo de situações que se estão a vivenciar em família e se o aluno é estigmatizado pelo docente ou colegas passa a ser mais um fardo que tem de carregar consigo.

Esses dados fazem alusão às nítidas transformações ocorridas na família ao longo do tempo, que em conjunto mudam os padrões familiares, assim como enfatiza Reis (2008) e Varani & Silva (2010) ao afirmarem que o fim da família como unidade de produção económica, as baixas taxa de natalidade, o divórcio, a união livre, a mulher que trabalha fora de casa, os filhos passam a viver mais tempo nos Jardins de Infância e na Escola, são alguns dos aspectos reveladores das mudanças ocorridas na Família. Passou assim a haver partilha e responsabilidades na educação dos filhos nem sempre com clareza nas especificidades de cada uma (escola e família).

No que tange ao **redimento mensal** dessas famílias em tela, em maior número contactou-se uma renda média (56,6%). Logo, o que mais chamou atenção foi o grupo preponderante com renda baixa (41,8%) , restando assim o mínimo de famílias com renda elevada (1,5%). Esses resultados já eram previstos, uma vez que os estudantes que comportam esse estudo vive em uma zona rural, em consequência os recursos destinados a educação em seu habitat e os recursos que englobam o padrão de vida das famílias são diminutos.

Tabela 3 – Variáveis familiares

Variáveis	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Com quem vive		
Pais	192	59,1
Pai ou mãe	108	33,2
Irmão	4	1,2
Avós	18	5,5
Outro	3	0,9
Situação familiar		
Pais casados ou união	174	53,5
Pais solteiros ou separados	129	39,7
Pais do mesmo sexo	5	1,5
Mãe viúva	10	3,1
Pai viúvo	5	1,5
Pais falecidos	2	0,6
Nível rendimento mensal		
Baixo	136	41,8
Médio	184	56,6
Alto	5	1,5

Procuramos também saber o **grau de escolaridade** dos pais (do pai e da mãe) e na tabela 4 observamos o elevado número de pais sem instrução (45,2%), e das mães com 37,2%, também sem instrução. Os dados também se mostram altos quanto ao fato de haver 43,7% de pais que possui o Ensino Fundamental I (43,7%) e a mãe com 50,2%.

Estes resultados mostram de forma explícita que a maioria dos pais desses estudantes foram pouco alfabetizados, situação que faz menção a este país (Brasil) que hoje ocupa a 8^o posição no ranking de analfabetismo e sobretudo o estado de Alagoas, com uma taxa de analfabetismo de 21,6%². Fatores que influenciam de forma negativa o resultado desta variável.

Verificamos em tabela anterior que a maioria dos alunos provêm de zona rural e a realidade do Brasil mostra que a maioria dos analfabetos estão na zona rural, em

¹ BRASIL, A. Unesco: **Brasil tem quase 13 mi de analfabetos adultos e é 8º no mundo**. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/unesco-brasil-tem-quase-13-mi-de-analfabetos-adultos-e-e-8-no-mundo.5c15a2a6cb3d3410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> . Acesso em: 30 julho 2015.

² SANCHES, C. **Analfabetismo cai em Alagoas, mas é maior que a média do país, diz Pnad**. Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/09/analfabetismo-cai-em-alagoas-mas-e-aquem-da-media-do-pais-aponta-pnad.html> . Acesso em: 30 julho 2015.

famílias pobres e numerosas em que os membros trabalham na lavoura para o próprio sustento (Vieira, 2014). Os nossos resultados vêm pois confirmar esses dados.

Tabela 4 – Grau de escolaridade dos pais dos alunos

Nível de estudo	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Sem instrução	147	45,2	121	37,2
1º Ensino Fundamental I	142	43,7	163	50,2
2º Ensino fundamental II	19	5,8	18	5,5
Ensino médio	5	1,5	8	2,5
Educação superior	12	3,7	15	4,6
TOTAL	325	100	325	100

4.2 – HÁBITOS DOS ALUNOS E A ESCOLA

Os estudantes que compõem esta análise, em maior número são da zona rural do município, logo, seu modo de **deslocação para a escola** é proveniente do transporte público (65, 8%) e aqueles que residem na zona urbana geralmente vão a pé (19,7%). Ainda ressaltando também outros meios existentes de deslocação para escola citados na análise. Geralmente esses alunos gastam em média menos de 15 min para chegar a escola (40, 9%), estes distinguem-se de uma minoria de 27 alunos que gastam em média de 45 a 60 min para chegarem a escola.

Dado que a cidade em tela é relativamente pequena e os alunos vivendo a maioria no meio rural (cf Tabela 2), o padrão de vida é moderadamente baixo, em suma os filhos **ajudam em casa** ou nos trabalhos agrícolas (74,5%), praticando alguma atividade, seja ela doméstica ou de cunho financeiro.

No tocante a variável sobre **hábitos tabágicos** e **ingestão de álcool** os estudantes na sua quase totalidade não são consumidores destes produtos (98,2% e 98,5% respectivamente). Quando analisamos a variável referente ao sono, observamos que 271 alunos que equivale a 83,4% dorme bem e 16,6% referem não dormir o suficiente, porém ao analisar a variável **sono nas aulas** verifica-se que a percentagem dos que sentem sono nas aulas sobe bastante (41, 5%) o que é um saldo preocupante.

Contando que as aulas no horário matutino dão início as 7 horas e 30 minutos e que a maioria desse alunado é composto basicamente por alunos que ajudam em casa

com atividades diversas e alunos advindos da zona rural, verificamos um nítido número de estudantes (140) que se levantam antes as 6 horas da manhã e outros demais (133) das 6 horas às 7 horas da manhã.

Tabela 5 – Variáveis de hábitos dos alunos e relacionadas com a escola

Variáveis	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Deslocação para a escola		
A pé	64	19,7
Bicicleta	18	5,5
Mota	24	7,4
Transportes público	214	65,8
Carro	5	1,5
Tempo de deslocação		
Menos 15 minutos	133	40,9
De 15 a 30 minutos	117	36,0
De 30 a 45 minutos	45	13,8
De 45 a 60 minutos	27	8,3
Mais de 1 hora	3	0,9
Atividades de ajuda à família		
Sim	242	74,5
Não	83	25,5
Hábitos tabágicos		
Sim	6a)	1,8
Não	319	98,2
Ingestão álcool		
Todos os dias	1	0,3
Ao fim de semana	3	0,9
Esporadicamente	1	0,3
Nunca	320	98,5
Dormir bem ou suficiente		
Sim	271	83,4
Não	54	16,6
Sono nas aulas		
Sim	135	41,5
Não	190	58,5
Horas de levantar		
Antes da 6h	140	43,1
Das 6 às 7h	133	40,9
Das 7 às 8	50	15,4
Das 8 às 9h	2	0,6
Depois das 9	-	-

Nota a) - Dos 6 fumadores, 4 fumavam menos de 10 cigarros e 2 entre 10 e 20 cigarros por dia

Na tabela anterior verificámos que a maioria dos alunos (242) ajuda a família em algumas atividades o que corresponde a 74,5%. Na tabela seguinte podemos verificar que o **período em que ajudam nessas atividades** e a maioria realiza-as no período que

não tem aulas. Verificamos que 76,1% ajudam nos períodos sem aulas, ou seja, quem tem aulas de tarde ajuda de manhã e quem tem aulas de manhã ajudará na tarde.

Preocupa-nos o fato de haver alunos que tendo aulas num dos períodos (turna manhã ou turno da tarde) acompanham a famílias nos trabalhos tanto de manhã como de tarde (36 alunos).

Não conseguimos saber nem o tipo nem o tempo gasto nessas atividades e seria interessante para se avaliar da disponibilidade para brincar e para o estudo e realização dos trabalhos da escola.

Tabela 6 – Período de realização de atividades de ajuda à família

Ajuda à família	TOTAL	
	N (242)	% (100,0)
De manhã antes da escola	81	33,5
À tarde depois da escola	103	42,6
Tanto de manhã como de tarde	36	14,9
Só aos fins-de-semana	22	9,1

Ao perguntarmos aos alunos se pensam **continuar os estudos** após terminar o ensino médio, 242 alunos (74,5%) disseram que sim, o que nos parece uma boa motivação destes alunos para o seu futuro acadêmico.

Perguntamos ainda se os alunos **gostam da escola** que frequentam e verificamos a maioria gosta muito (66,5%). Aparece cerca de um terço (29,8%) que refere gostar pouco e 3,7% não gostam nada da escola. Comparativamente são as meninas que em maior número gostam menos da escola (16,3% pouco e 2,2% nada).

Caberá à escola desenvolver atividades no sentido de melhorar estes dados pois sabemos que, entre outros, as condições e estruturas físicas são fatores determinantes para o aprendizado do aluno, bem como a determinação e envolvimento com procura de métodos e atividades intra-classe diversificadas de forma a criar o gosto pela escola. Grillo (2009 et al, p.11) refere que “[...] a escola deve constituir-se no espaço de formação de um jovem que se aproxime da realidade de outras formas, que aprenda de modo diferente e que possa construir novos saberes para a cultura de seu tempo”.

Não será demais referir neste contexto os quatro pilares em deve assentar a educação: **aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver e aprender a**

ser, como nos diz Delors (2006). Para que isto se concretize devem os professores despertar o interesse e motivar os alunos e incentivá-los num ambiente acolhedor e alegre, com uma relação positiva.

O elogio é uma forma de motivação e uma forma de criar gosto pelos estudos e pela escola, assim como o encorajar os alunos nos seus pensamentos e a serem curiosos e questionadores (Morastoni, 2013).

Tabela 7 – Gosto pela escola em função do sexo

Gosto pela escola	Sexo		TOTAL					
	Masc	Fem	N (182)	% (56,0)	N (143)	% (44,0)	N (325)	% (100,0)
Muito	133	40,9	83	25,5	216	66,5		
Pouco	44	13,5	53	16,3	97	29,8		
Nada	5	1,6	7	2,2	12	3,7		

4.3 – O DESEMPENHO E AS ATIVIDADES ESCOLARES

1 – Auto avaliação do desempenho escolar e reprovações

Perguntamos aos alunos como se auto-avaliam relativamente ao **seu desempenho escolar** e verificamos que cerca de metade (49,2%) classifica-se num desempenho médio, contudo é de realçar o fato de cerca de um quarto dos alunos considerar o seu desempenho abaixo da média (24,3%).

Sabemos que há muitos fatores que interferem com a aprendizagem e a par da família o fator escola é sem dúvida de grande importância. Como nos diz Morastoni (2014, p.70) quando se refere aos estudos de Bossa(2000): “Uma criança pode não aprender porque está numa escola onde a forma de ensinar não está de acordo com sua forma de aprender. Uma criança pode não aprender porque seu professor não sabe ensinar. Uma criança pode não aprender porque precisa de uma ajuda especial e seu professor e sua família não sabem disso”.

Verificamos que 44,0% dos alunos já **reprovaram** alguma vez. Consideramos estas percentagens muito elevadas e a escola terá de fazer um esforço para melhorar

estes índices pois estão muito acima das médias internacionais. Sabemos que os altos índices de reprovação no Brasil ainda são bem constantes e hoje são alvo de muitos questionamentos e pesquisas, contudo ainda se fala de diversos fatores que a influenciam como: incapacidade do aluno, a qualidade de vida do aluno, falta de interesse nos estudos, abordagem retórica das aulas, professor inábil entre outros. Por conseguinte para erradicar essa problemática tão vigente, Moura & Silva,(2011)³ citam Araújo (2005) e corroboram que “a ação pública no setor educacional pode combater o fracasso minimizando efeitos não desejáveis de progressão escolar sem aprendizado. Um aspecto importante é a necessidade de melhorar as condições da escolarização nas séries iniciais, mais precisamente, na etapa de alfabetização.” Esse método de trabalhar a reprovação já nos anos iniciais é relativamente favorável, pois se o aluno tem uma boa alfabetização e um bom suporte educacional como um todo, nos primeiros anos, dificilmente ele terá algum déficit nos anos que seguem a trajetória escolar.

É por todos conhecido que no processo educativo dos alunos dos anos iniciais a influência da família é importante pois, tal como nos diz Nunes et al (2014), as taxas de reprovações ocorrem com maior frequência em determinadas comunidades onde existem problemas de ordem familiar e baixo nível socioeconômico. Os nossos dados vêm confirmar pois a escola está situada numa comunidade com estes problemas

Se a desigualdade social potencia as taxas de fracasso escolar, mais tarde leva a que surja a evasão escolar dos alunos, vão para as ruas ou para o trabalho na lavoura e vão potenciar um círculo vicioso pois vai produzir um jovem analfabeto, com mão de obra despreparada.

Este alto nível de reprovação vai no mesmo sentido dos dados nacionais brasileiros das escolas públicas como nos dizem Moura & Silva (2011) e se os fatores extra escolares têm o seu peso (culturais, sociais, económicas e renda), não podemos menosprezar as dimensões políticas e intra escolares: sistemas de ensino, políticas educacionais, infraestruturas físicas, preparação e motivação dos professores, práticas pedagógicas e afetividade e interações sociais na escola.

Alguns destes valores poderão dever-se a dificuldade de aprendizagem relacionados com problemas neurofisiológicos, mas estará a prática pedagógica a atender

³ Moura e Silva (2011). Reprovação Escolar: Discutindo mitos e realidades, Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/370-2>

á singularidade dos seus alunos e a fortalecer uma parceria com as suas famílias para atingir os objetivos educativos minimizando as reprovações? (Souza, 2009).

Tabela 8 – Auto avaliação do desempenho escolar e reprovações

Variáveis	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Desempenho escolar		
Abaixo da média	79	24,3
Médio	160	49,2
Acima da média	60	18,5
Excelente	26	8,0
Reprovações		
Sim	143	44,0
Não	182	56,0

Interrogados sobre o **motivo das reprovações** aos alunos que já tinham reprovado alguma vez (143 alunos) e verificamos que a maior percentagem referiu que foi por terem faltado à escola (35,7%) e muito de perto seguem-se os alunos que referiram ter sido por falta de estudo (31,5%).

De realçar o fato de cerca de um terço dos alunos (28%) dizerem que foi por falta de motivação e interesse nas aulas/escola. Pensamos que é um aspecto importante a ter presente e uma área onde a escola deverá investir pois alunos não motivados e sem interesse conduz a insucesso.

Alguns professores poderão ter a crença de que repetir é bom para o aluno, contudo esta visão não será a mais correta. A “pedagogia da repetência”, como é intitulada por Santos & Sant’Ana (2013, p. 694),

“recorre à reprovação como mecanismo voltado para motivar os alunos a aprender, já que as tarefas que compõem o ofício do aluno não são motivadoras em si, devendo a motivação ser garantida por dispositivos externos ao processo pedagógico. Geralmente, as turmas consideradas “fracas” por causa da repetência acabam por gerar mais repetentes, criando um círculo vicioso, que favorece o fracasso escolar”.

Como vimos na fundamentação teórica os alunos reprovados podem sofrer prejuízos nomeadamente socioafetivos, como a autoestima, relações com os pares e atitudes respeitantes à escola. Alguns estudos referem mesmo que os alunos retidos aprendem menos do que se tivessem passado de ano (Hong & Raudensbush, 2005). Por outro lado a retenção é associada ao abandono escolar e o aluno retido torna-se perturbador na turma pelo desfasamento de idades e pela necessidade de afirmação perante nova turma (Conboy & Fonseca, 2013)

Tabela 9 – Motivo de reprovações

Variáveis	TOTAL	
	N (143)	% (100,0)
Falta de estudo	45	31,5
Faltas	51	35,7
Desmotivação/desinteresse	40	28,0
Problemas familiares	-	-
Doença	6	4,2
Dormir pouco	-	-
Problemas com colegas	1	0,7

2 – Tempo de estudo

Procuramos saber alguns dados relacionados com o **estudo** dos alunos e que iremos apresentar nas tabelas seguintes. Na tabela 10 verificamos que a grande maioria (72,9%) refere que tem tempo suficiente para estudar.

Tabela 10 – Tempo de estudo

Tempo de estudo	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Sim	237	72,9
Não	88	27,1

Dos que referiram que não têm tempo suficiente para estudar (88 alunos) podemos verificar na tabela seguinte os **motivos** referidos para **não ter tempo** de estudo.

As maiores percentagens aparecem no item que referem que têm muito tempo de aulas (37,1%).

Anteriormente na tabela 6 verificamos que a maioria ajuda em casa em um período do dia e que cerca de 15% referem que ajudam os pais tanto de manhã como de tarde e talvez por isso refiram aqui como motivos de falta de tempo para o estudo o fato de terem outras actividades e de ajudarem em casa.

Será um aspecto a analisar com os pais e validar esta informação no sentido de se poder aumentar o tempo disponível para estudo dos alunos.

Tabela 11 – Motivos de falta de tempo para estudo

Motivos de não estudo	TOTAL	
	N (88)	% (100,0)
Muito tempo de aulas	33	37,1
Exercerem outras atividades	25	28,1
Ter de ajudar em casa	21	23,6
Sair à noite	6	6,7
Sentir sono	4	4,5

No global da totalidade dos alunos (325 alunos) um pouco mais de um terço refere estudar de 1 a 2 horas e outro terço estuda mais de 3 horas por dia.

Tabela 12 – Horas de estudo por dia

Motivos	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
< de 1 hora	37	11,4
De 1 a 2 horas	116	35,7
De 2 a 3 horas	49	15,1
> a 3 horas	123	37,8

Relativamente ao **tempo dedicado aos trabalhos escolares em casa**, 96 alunos (29,5%) dedicam menos de 15 minutos diários. Um dado inquietante é o fato de 20,9% dos alunos simplesmente não fazerem a lição/trabalhos escolares que levam para casa.

Fator preponderante que em junção com diversos outros, acarretam ao insucesso escolar do aluno.

Tabela 13 – Tempo dedicado aos trabalhos da escola em casa

Motivos	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Não faço	68	20,9
< de 15 minutos	96	29,5
De 15-30 minutos	88	27,1
De 30-60 minutos	35	10,8
> a 60 minutos	38	11,7

3 - As aulas

Interrogados sobre o **período em que têm as aulas** os alunos estão quase divididos em metade entre o período da manhã e da tarde com ligeiro aumento no período da tarde. Os 6 alunos com aulas em ambos os horários citados, frequentam aula regular em um turno e em outro praticam uma atividade educativa, intitulada “reforço escolar”.

Tabela 14 – Período do dia com aulas

Período com aulas	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Manhã	144	44,3
Tarde	175	53,8
Manhã e tarde	6	1,8

Quando perguntamos ao aluno se pretendia **alterar o horário das aulas** verificamos que a maioria não alteraria o horário que tem (68,3%) e apenas 31,7% o desejariam fazer. Quando se perguntou como gostaria que fosse o seu novo horário verificamos que alguns alunos gostariam de trocar de turno pois 46,2% gostariam que fosse de manhã e igual percentagem que fosse de tarde. Há uma percentagem residual

de 7,5% que preferiam ser de manhã e de tarde. Verificamos no geral que estão contentes com o horário e não pretendem mudar.

4.4 – RELACIONAMENTO COM OS PAIS E APOIO FAMILIAR AOS ALUNOS

Alguns estudos têm revelado que esta relação da família interfere no desempenho escolar e no sucesso dos filhos. Chechia e Andrade (2005, p. 334) destacam, entre outros, “a relação entre os pais e os filhos, as atitudes dos pais em relação à escola, o rendimento escolar e a preocupação e interesse dos pais em relação ao desempenho escolar de seus filhos. Os alunos que recebem apoio apresentam mais habilidades nas tarefas, desenvolvem uma auto-estima positiva em relação à escola e ajustam-se melhor psicologicamente”.

O acompanhamento da vida escolar dos filhos pelos pais é um fator importante para a aprendizagem e para o sucesso acadêmico de crianças e jovens (Polonia e Dessen, 2005) e para isso deverá a escola favorecer a participação da família na vida escolar.

No nosso questionário colocamos algumas questões que nos permitem avaliar como é a relação com os pais, se ajudam os filhos, se os incentivam, se participam da sua vida escolar e se vão à escola para acompanhar o comportamento e evolução escolar dos filhos.

Verificamos um remate positivo quanto ao **relacionamento dos pais** com os filhos, onde 208 alunos (64,0%) dizem ter uma relação muito boa com seus pais e/ou responsáveis e 110 alunos (33,8%) uma boa relação com seus pais e/ou responsáveis. Estes, segundo os estudantes (75,4%), ajudam-nos na resolução de seus problemas.

Concordamos com Andrés (2009) quando diz que se a família não oferece apoio, não é acolhedora e não estabelece bons relacionamentos, não é afetuosa nem promove um ambiente de abertura no escutar os filhos, poderá levar à dificuldade de aprendizagem e levar as crianças a chamar a atenção de forma negativa, podendo em

alguns casos ir suprir esses aspetos noutros grupos fora da familia com influências nefastas.

Vemos pois que o fato das crianças se sentirem amadas e respeitadas leva a que se sintam felizes, gostem da escola e isto é de suma importância também para o processo ensino-aprendizagem. Pelo contrário quando há falta de afeto surgem conflitos e estes lavam a atrasos do desenvolvimento da criança.

Compreendendo que a **leitura** é essencial não só para a trajetória escolar como para a vida em si. Os pais de 223 alunos (68,6%) sempre os incentivam a ler. No que diz respeito à participação dos pais no **desenvolvimento escolar** 55,4% dos pais participam de forma continuada. Porém é imprescindível realçar que 40,3% só participam do desenvolvimento escolar do filho “às vezes”, fato preocupante, visto que os pais tem obrigação de participar de forma corrente na vida escolar do filho.

Sabemos da importância que a família tem na transmissão de valores e na introdução de expectativas nos filhos, mesmo sem saber que o estão a fazer quando dizem, por exemplo, será um grande médico ou engenheiro, ou quando fazem comparações com irmãos estudiosos. Tudo isto marca o desenvolvimento futuro da criança pelo que o envolvimento dos pais no percurso escolar dos filhos é importante pois é na família que a criança pode encontrar um ambiente favorável, ou não, para a sua aprendizagem (Andrés, 2009).

Nesta sincronia foi possível identificar que 200 pais (61,5%) só **visitam a escola** “às vezes”. Não obstante constatou-se computo auspicioso em 311 alunos (95,7%) estudarem porque querem e gostam.

Morastoni (2014, p. 70), refere que “Uma criança pode achar que ir para a escola não é importante, porque seus pais não conseguem lhe mostrar essa importância. (...) uma criança pode não aprender porque seus pais, na tentativa de acertar, erraram por não estabelecer regras e limites. Desta forma, não possibilitaram que a criança aprendesse a ser disciplinada, condição essencial ao trabalho intelectual.

A família deve ser orientada e motivada a colaborar e participar no projeto educativo escolar do seu educando e, por outro lado, compete à escola encontrar as formas e caminhos para promover essa interação. Sabemos que fruto de ambos os pais trabalharem, nem sempre a deslocação à escola é fácil. Mas, será que a escola, nos

horários de atendimento dos professores e na realização das atividades têm isso em consideração e ajustam o horário de atendimento às possibilidades das famílias?

Não existe uma fórmula mágica para efetivar a relação escola-família pois cada caso é um caso mas sempre terá de haver um esforço de ambas as partes num diálogo franco, para aproximar os pontos de vista às realidades próprias de cada uma.

Tabela 15 – Variáveis do relacionamento com os pais e apoio da família

Variáveis	TOTAL	
	N (325)	% (100,0)
Relacionamento com os pais		
Bom	110	33,8
Muito bom	208	64,0
Ruim	7	2,2
Pais ajudam nos problemas		
Sempre	245	75,4
Às vezes	75	23,1
Nunca	5	1,5
Pais incentivam à leitura		
Sempre	223	68,6
Às vezes	97	29,8
Nunca	5	1,5
Pais participam desenvolvimento escolar		
Sempre	180	55,4
Às vezes	131	40,3
Nunca	14	4,3
Pais visitam a escola		
Sempre	118	36,3
Às vezes	200	61,5
Nunca	7	2,2
Estudo por gosto ou pais obrigam		
Quero e gosto	311	95,7
Sou obrigado	14	4,3

4.5 – DESEMPENHO ESCOLAR E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS ESCOLARES E FAMILIARES

Neste subcapítulo iremos relacionar a existência de reprovações com algumas variáveis em estudo. Na tabela 15 observando as **reprovações em função do sexo**, é

possível observar que 31,4% do sexo masculino já reprovaram e apenas 12,6% das meninas. A diferença entre sexo é estatisticamente significativa ($p=0,000$). Estes dados confirmam os de outros estudos nomeadamente os referidos por Benetti, Grisard e Figueiredo (2014).

Executando uma análise **por turma** averiguamos que nas turmas C e D (7,1%), G (10,5%) e H (10,8%) possuem percentagens mais altas de reprovação. Enquanto que as turmas A (10,8%), B (11,1%), E (12,6%) e F (11,4%) emergem com índices de não reprovação escolar. A diferença entre turmas é estatisticamente significativa ($p=0,000$).

Apesar de não haver diferenças estatísticas significativas é de realçar que

- Há menor reprovação nos alunos em que os pais ajudam na lição em casa;
- Há menor reprovação nos alunos em que os pais que incentivam à leitura;
- Há menor reprovação nos alunos que não referem sono nas aulas.

Quanto à variável **gosto pela escola** notamos na tabela 15 que a grande quantidade dos alunos gostam muito da escola que frequenta (66,5%) e os que gostam muito da escola são aqueles que menos reprovam (40,9%). A diferença entre o gosto pela escola e a não reprovação é estatisticamente significativa ($p=0,021$).

Na relação da escola com a família sabemos que a escola não se pode restringir aos conteúdos a leccionar mas aprofundar as relações com a família de forma a esta se envolver no projecto educativo e motivar as crianças para a escola e para a aprendizagem.

Varani e Silva (2010, p.515) reforçam esta ideia quando diz que à escola “cabe também o reconhecimento da importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar, o auxílio às famílias no exercício de seu papel na educação, no desenvolvimento e no sucesso profissional de seus filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade”.

Verificamos na nossa pesquisa que a motivação e o gosto pela escola é meio caminho para o sucesso. Deverá a escola investir nesta área criando dinâmicas pedagógicas em sala de aula, relações afetivas e assertivas com os alunos bem como atividades extra letivas que criem o gosto pela escola, pelo convívio, amizade e desenvolvimento pessoal e interpessoal.

Tabela 16 – Existência de reprovações em função de variáveis sociodemográficas, escolares e familiares

Variáveis	REPROVAÇÕES				TOTAL	
	SIM		NÃO		N	%
	N (143)	% (44,0)	N (182)	% (56,0)		
Sexo						
Masculino	102	31,4	82	25,2	184	56,6
Feminino	41	12,6	100	30,8	141	43,4
					p=0,000	
Turma						
A	5	1,5	35	10,8	40	12,3
B	7	2,2	36	11,1	43	13,2
C	23	7,1	18	5,5	41	12,6
D	25	7,7	5	1,5	30	9,2
E	6	1,8	41	12,6	47	14,5
F	8	2,5	37	11,4	45	13,8
G	34	10,5	9	2,8	43	13,2
H	35	10,8	1	0,3	36	11,1
					p=0,000	
Ajuda dos pais						
Sempre	107	32,9	138	42,5	245	75,4
Às vezes	33	10,2	42	12,9	75	23,1
Nunca	3	0,9	2	0,6	4	1,5
					p=0,767	
Incentivo à leitura						
Sempre	90	27,7	133	40,9	223	68,6
Às vezes	49	15,1	48	14,8	97	29,8
Nunca	4	1,2	1	0,3	5	1,5
					p=0,054	
Atividades de ajuda à família						
Sim	105	32,3	137	42,2	242	74,5
Não	38	11,7	45	13,8	83	25,5
					p=0,704	
Sono nas aulas						
Sim	65	20	70	21,5	135	41,5
Não	78	24,0	112	34,5	190	58,5
					p=0,224	
Horas de estudo diário						
< de 1 hora	15	4,6	22	6,8	37	11,4
1-2 horas	47	14,5	69	21,2	116	35,7
2-3 horas	22	6,8	27	8,3	49	15,1
> 3 horas	59	18,1	64	19,7	123	37,8
					p=0,817	
Gosto pela escola						
Muito	83	25,5	133	40,9	216	66,5
Pouco	53	16,3	44	13,6	97	29,8
Nada	7	2,2	5	1,5	12	3,7
					p=0,021	

4.6 - ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA ESCOLA

Como referimos anteriormente no capítulo da metodologia, para avaliar o envolvimento dos pais com a escola aplicamos um Questionário de Envolvimento dos Pais com a Escola (QEPE-versão pais) da autoria de Pereira (2008). A escala é constituída por 24 itens e engloba 4 dimensões do envolvimento parental: 1- em atividades da escola e voluntariado; 2 - em atividades de aprendizagem em casa; 3 – na comunicação escola-família por iniciativa dos pais e 4 - em atividades na escola e participação em reuniões de pais.

Para este estudo optamos por uma análise percentual da escala por forma a facilitar a perceção, análise e comparação dos dados, segundo a fórmula:

$$\left(\frac{\text{Somatório da escala-nº de itens}}{\text{amplitude}} \right) * 100$$

Somados os valores, determina-se o índice de envolvimento parental e de acordo com a pontuação obtida é possível identificar 3 grupos de corte tendo por base a fórmula apresentada por Pestana e Gageiro (2008): Média $\pm 0,25dp$. Esta lógica foi adotada para a escala global (itens = 24) assim como para cada um dos factores (F1 = 6 itens; F2 = 8 itens; F3 = 6 itens e F4 = 4 itens). Assim adotamos a seguinte classificação:

- Envolvimento fraco - com percentil \leq a 25
- Envolvimento moderado - com percentil entre >25 e <75
- Envolvimento forte - com percentil \geq a 75

1 - Dados da escala

Comparando as pontuações médias obtidas antes de fazer a conversão percentual para criar os grupos de corte, e para podermos comparar com a escala aplicada em Portugal verificamos valores médios inferiores e com desvios padrão menores conforme se pode observar na tabela 16.

A escala utilizada em Portugal nos estudos efectuados apresenta uma boa fiabilidade com coeficientes α de Cronbach abonatórios de uma boa consistência interna (α Global de 0,87) e na nossa aplicação α de 0,20 o que manifestamente baixo.

Sabemos que o êxito escolar é influenciado em parte pela participação ativa dos pais nas atividades escolares dos filhos. Hoje em dia há transformações no seio da família, nomeadamente relacionadas com a necessidade de trabalhar fora de casa, e estas mudanças podem dificultar o envolvimento da família na vida escolar. Outros factores, como a instrução dos pais e a estrutura familiar, podem limitar a sua ajuda e envolvimento nos trabalhos de casa e da aprendizagem dos seus filhos na escola.

Vários estudos mostram que quando os pais se envolvem nos estudos dos seus filhos, as crianças tendem a ter mais sucesso do que as crianças cujos pais se envolvem pouco (Dulce, 2006). O envolvimento encoraja a aprendizagem, motiva e leva a criar gosto pela escola e favorece o sucesso. Por outro, como nos diz Pereira(2003) o envolvimento parental é influenciado por factores socio culturais, económicos, étnicos, estruturas familiares, a idade, o género, a escolaridade dos pais.

Os valores da escala aplicada em Portugal e criada para a realidade portuguesa não foi objecto de validação no Brasil e verificamos que deu valores muito diferentes. Alguns daqueles factores referidos por Pereira (2003) poderão ter influenciado estes resultados (socio culturais, étnicos, estrutura familiar) mas pensamos que de um modo especial a escolaridade dos pais. Relembramos que cerca de 40% dos pais não tinham instrução e 50% tinham o ensino fundamental I.

Na metodologia por nós utilizada, os filhos levaram a escala para os seus pais preencherem e naqueles casos em que os pais não tinham instrução (cerca de 40%) eram os próprios filhos (com idades entre os 10 e os 16 anos e uma média de 11,96 anos) que perguntavam aos pais e preenchiam a escala. Pensamos que poderia ter havido questões não compreendidas pelos pais e também não bem explicadas pelos filhos levando a que as respostas pudessem não ter sido bem assinaladas e como tal levar a falta de uniformidade e coerência entre as respostas o que origina fraqueza na consistência interna da escala.

Com estas limitações e salvaguardas iremos apresentar os resultados.

Se em Portugal há uma média de envolvimento que ronda os 70%, nesta escola em concreto esse envolvimento aparece-nos com valores abaixo do 50%.

Tabela 17 – Estatística descritiva para os valores da escala e subescalas

Escala (QEPE- VPa)	Estatística descritiva			
	Portugal		Brasil	
	média	Dp	média	Dp
Atividades na escola e voluntariado (itens =6)	12,05	3,81	8,258	1,331
Atividades aprendizagem em casa (itens =8)	27,07	3,53	16,107	1,731
Comunicação escola-família (itens= 6)	19,12	2,92	14,215	1,243
Atividades na escola e reuniões pais (itens =4)	11,92	2,50	9,295	1,653
Escala Global (itens =24)	70,15	9,58	47,87	3,097

Como referimos atrás optamos por fazer uma análise percentual da escala para facilitar a perceção e análise dos dados (de 0 a 100%). Podemos observar os dados estatísticos percentuais na tabela 17

Observamos que os valores percentuais são muito baixos. Considerando que valores abaixo dos 50% denotam envolvimento fraco por parte dos pais, verificamos que tanto nos factores da escala como no global da escala, os valores estão baixos. Os pais destas criança envolvem-se muito pouco com a escola como se pode verificar nos valores de todos os factores (F1, F2, F3, F4), assim como na escala global. Os valores mais elevados, mas mesmo inferiores a 50% aparecem em F3 e F4 pensamos nós que serão em situações em que é a escola a convocar os pais para estarem presentes.

Tais resultados de carácter relativamente baixos, emerge propalando a inóspita realidade local, chegando a dimensão regional. Pais e/ou responsáveis alheios a esse envolvimento e entrosamento com a escola, seja por falta de tempo, por falta de mero interesse ou outros motivos indeterminados. A sequela destes valores tacanhos são aumento de estudantes com insucesso escolar e muitas vezes em perspectiva de avançar, visto que o sucesso escolar é obtido através de parcerias diversas, tendo como a principal a união de família e escola.

Tabela 18 – Estatística descritiva para os valores percentuais da escala e subescalas

Escala (QEPE- VPa)	Estatística descritiva (valores percentuais)	
	média %	dp
F1 - Atividades na escola e voluntariado (itens =6)	12,547	7,396
F2 - Atividades aprendizagem em casa (itens =8)	33,782	7,214
F3 - Comunicação escola-familia (itens= 6)	45,641	6,907
F4 - Atividades na escola e reuniões pais (itens =4)	44,128	13,777
EG - Escala Global (itens =24)	33,162	4,302

2 – Envolvimento dos pais e variáveis sociodemográficas escolares e familiares

Como referimos anteriormente para relacionar o envolvimento dos pais com algumas das variáveis fizemos 3 grupos em que um grupo foi considerado com envolvimento fraco (percentil ≤ 25) outro grupo com envolvimento moderado (percentil $> a 25$ e $< a 75$) e um terceiro grupo com percentil ≥ 75 . Estes grupos de corte foram feitos em função das respostas de toda a amostra e como vimos anteriormente estes valores são muito baixos. Dentro destes valores baixos foram constituídos os grupos para análise.

No que respeita à associação entre o envolvimento parental na escola e algumas das nossas variáveis não foi evidente um efeito positivo desses envolvimento (não surgiram diferenças estatísticas significativas) e pensamos nós dever-se ao fato já referido anteriormente que se prende com os reduzidos valores da escala, fruto talvez de uma má interpretação no seu preenchimento. Ou então a maioria dos pais efectivamente não se envolve e não participam nas atividades da escola e das actividades de aprendizagem em casa (F1 e F2 - valores demasiado baixos) e a comunicação com a escola e reuniões de pais, apesar de mais elevados (F3 e F4), mesmo assim abaixo dos 50%. Por esse fato pensamos que esta relação não ter sido suficientemente forte para influenciar as variáveis em estudo.

Os resultados apresentados por Benetti, Grisard e Figueiredo (2014) vão no mesmo sentido no que respeita ao suporte parental das famílias ao Programa do Sistema Integrado de Atendimento Psicopedagógico (SINAPSI) para crianças com dificuldades de aprendizagem, pois como dizem os autores (p.255), “ o engajamento dos pais está muito aquém do esperado para que se possa ter um ambiente apoiador ao desenvolvimento nessa fase das crianças”.

Os estudos de Morastoni (2013), indicaram que é necessário uma parceria entre família e escola, desenvolvida com respeito visando os mesmos objetivos, focando a observação familiar ao comportamento da criança, contribuindo assim positivamente na resolução de dificuldades, pois é evidente que elas acontecem também fora da escola no seio familiar

Verificamos na tabela 18 que no grupo dos pais que têm um envolvimento forte aparecem apenas 97 pais (29,8%). Relativamente ao **envolvimento com os pais** foi verificado na turma A, que cerca de 22 alunos (6,8%) possuem uma fraca envoltura com pais. O que difere das turmas B e F, com os valores indênticos e mais fortes de envoltura com os pais (4,6%).

Fazendo uma análise dos 325 alunos que compõe este estudo, 208 (64,0%) afirmaram ter um **relacionamento com os pais** muito bom. Já mediante a **ajuda dos pais** para com os filhos, os valores mostraram-se satisfatórias 245 (75,4%) sempre ajudam.. A variável de **incentivo a leitura** apresentaram-se baixos pois (29,8%) só estimulam a leitura para seus filhos às vezes. Um dado que merece ser referenciado são os 242 estudantes (74,5%) que **ajudam a família em atividades**. Rigorosamente 160 estudantes (49,2%) afirmam ter um médio **desempenho escolar**, porém o que chama atenção é que 79 estudantes (24,3%) admitem ter um desempenho baixo.

Os autores Benetti, Grisard & Figueiredo (2014, p-244), afirmam que a família é a variável principal ao desenvolvimento da criança. O envolvimento próximo da família garante a estabilidade emocional bem como o desenvolvimento escolar e social da criança. No suporte à realização escolar será bom o envolvimento mais direto dos pais na vida escolar dos filhos, como dispor de tempo e espaço para auxiliar na realização das tarefas, com horários definidos e manter um contato regular com o professor e a escola.

O suporte ao desenvolvimento da criança inclui ainda os recursos e o investimento que a família dispõe para o crescimento da criança, investindo em tempo para realizar atividades de lazer ou culturais que envolvam todos os filhos e não apenas utilizar a criança como mão de obra para as atividades de casa.

Quanto à variável **reprovações** apuramos na tabela 18 que 143 estudantes (44,0%) já reprovarão alguma vez, esse dado é alarmante, porém diante de tudo que fora citado neste trabalho, já seria de esperar.

No tocante as **horas de estudos diários** 123 estudantes (37,8%) afirmavam ter >3 horas cotidianamente.

Uma variável significativa foi o **gosto pela escola**, 216 estudantes (69,5%) gostam muito da escola que estudam. Ainda na tabela 18 podemos conferir que 96 estudantes (29,5%) apenas dedicam < 15 minutos de **tempo para os trabalhos escolares**, um dado inquietante e que merece ser repensado principalmente pelo país.

Tabela 19 – O envolvimento dos pais e variáveis sociodemográficas, escolares e familiares

Variáveis	ENVOLVIMENTO DOS PAIS						TOTAL	
	FRACO		MODERADO		FORTE		N (325)	% (100,0)
	N (104)	% (32,0)	N (124)	% (38,2,0)	N (97)	% (29,8)		
Turma								
A	22	6,8	10	3,1	8	2,5	40	12,3
B	11	3,4	17	5,2	15	4,6	43	13,2
C	15	4,6	14	4,3	12	3,7	41	12,6
D	8	2,5	13	4,0	9	2,8	30	9,2
E	12	3,7	21	6,5	14	4,3	47	14,5
F	13	4,0	17	5,2	15	4,6	45	13,8
G	13	4,0	17	5,2	13	4,0	43	13,2
H	10	3,1	15	4,6	11	3,4	36	11,1
								p=0,492
Relacionamento c/ pais								
Bom	35	10,8	38	11,7	37	11,4	110	33,8
Muito bom	68	20,9	81	24,9	59	18,2	208	64,0
Ruim	1	0,3	5	1,5	1	0,3	7	2,2
								p=0,353
Ajuda dos pais								
Sempre	77	23,7	91	28,0	77	23,7	245	75,4
Às vezes	24	7,4	32	9,8	19	5,8	75	23,1
Nunca	3	0,9	1	0,3	1	0,3	5	1,5
								p=0,553
Incentivo à leitura								
Sempre	75	23,1	78	24,0	70	21,5	223	68,6
Às vezes	28	8,6	42	12,9	27	8,3	97	29,8
Nunca	1	0,3	4	1,2	-	-	5	1,5
								p=0,194

Atividades ajuda à família								
Sim	81	24,9	90	27,7	71	21,8	242	74,5
Não	23	7,1	34	10,5	26	8,0	83	25,5
							p=0,621	
Autoaval. Desempenho								
Abaixo da média	22	6,8	31	9,5	26	8,0	79	24,3
Médio	48	14,8	61	18,8	51	15,7	160	49,2
Acima média	22	21,2	22	6,8	16	4,9	60	18,5
Excelente	12	11,5	10	3,1	4	1,2	26	8,0
							p=0,516	
Reprovações								
Sim	46	14,2	55	16,9	42	12,9	143	44,0
Não	58	17,8	69	21,2	55	16,9	182	56,0
							p=0,986	
Horas de estudo diário								
< de 1 hora	14	4,3	10	3,1	13	4,0	37	11,4
1-2 horas	29	8,9	51	15,7	36	11,1	116	35,7
2-3 horas	11	3,4	20	6,2	8	5,5	49	15,1
> 3 horas	50	15,4	43	13,2	30	9,2	123	37,8
							p=0,074	
Gosto pela escola								
Muito	74	22,8	80	24,6	62	19,1	216	69,5
Pouco	26	8,0	41	12,6	30	9,2	97	29,8
Nada	4	1,2	3	0,9	5	1,5	12	3,7
							p=0,478	
Tempo trabalho escolar								
Não faço	22	6,8	28	8,6	18	5,5	68	20,9
< de 15 minutos	24	7,4	37	11,4	35	10,8	96	29,5
De 15-30 minutos	29	8,9	34	10,5	25	7,7	88	27,1
De 30-60 minutos	13	4,0	12	3,7	10	3,1	35	10,8
> a 60 minutos	16	4,9	13	4,0	9	2,8	38	11,7
							p=0,682	

4.7 – RELATOS DOS PAIS SOBRE OS FILHOS

Os presentes relatos contidos nesta amostra foram realizado com quarenta participantes, sendo eles compostos de pais e/ou responsáveis de alunos. A exposição aqui é fruto de um filtro feito nas entrevistas informais, nas reuniões de pais, realizadas na Escola Maria Iraci Teófilo de Castro. Foi efetuado um guião com apenas 3 perguntas como já referimos na metodologia.

O propósito destas entrevistas de pequeno porte foi única e exclusivamente abordar os pais sobre as questões primordiais que norteiam o envolvimento parental na escola e a consequência deste no sucesso e insucesso escolar dos alunos. Foi aplicado

um questionário aos alunos e aos pais como foi verificado anteriormente, mais estes relatos datam de uma abordagem presencial e natural, o que ocasionou relatos mais construtivos.

Diante de entrevistas realizadas na escola em tela, foi possível observar diversos fatores que contribuíram direta/indiretamente para o sucesso e mais precisamente para o insucesso escolar desses alunos do 6º ano, entre os quais destacamos: pais analfabetos, famílias de baixa renda, mães sem cônjuges, alunos criados por avós maternos/paternos dentre outros.

Além desses mencionados vale ressaltar os pais que só induzem seus filhos a ir à escola por mero interesse em não perder o beneficiamento do programa do governo federal, intitulado como Bolsa Família.

Iremos de seguida apresentar alguns dos relatos que pudemos registrar como:

(Mãe 1) – “Meu filho tem tempo pra tudo, para brincar, descansar e principalmente para fazer suas tarefas, logo que chega da escola eu olho seu material, inclusive o caderno, deixo almoçar e depois vou acompanhá-lo em suas tarefas, sempre que posso vou até a escola saber sobre seu comportamento e nunca falto às reuniões de pais”.

(Mãe 2) – “Fica difícil para mim ajudar minha filha nas tarefas pois trabalho o dia todo e quando chego estou cansada e ela está dormindo, eu gostaria de acompanhar mais minha filha no dever de casa, mas não posso, tenho que confiar nos professores e nela”

(Avó 3) – “Não sei ler nem escrever por isso nem sei o que meu neto faz na escola em vez em quando vou lá, saber se ele tá se comportando direito. Mais a professora fala que ele nem faz as tarefas de casa nem as da escola”.

(Mãe 4) – “Eu fico triste, porque não entendo as atividades do meu filho, por isso não posso ajudar e o irmão é a mesma coisa, não faz as atividades em casa e faz 7º ano e o do 6º ano parece que sabe mais”.

(Pai 5) – “Passo o dia inteiro na roça, não tenho tempo de olhar nada da escola deles e a mãe deles também, eu só botei eles na escola pra não se acabar na inchada que nem eu. Mais nem reconhece, eles tem que se interessar, sem precisar eu tá no pé, mais não pode faltar se não perde a bolsa família”.

Através destes relatos percebe-se que há alunos que não são acompanhados e como está descrito, o aluno acompanhado pelos pais avança mais no seu aprendizado,

pois tal influência é positiva pois deixa os alunos atenciosos e responsáveis porque sabem que em casa tem todo apoio necessário e isso é sem duvida, um estímulo que ajuda na sua vida escolar.

5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Nosso estudo realizou-se com os alunos dos 6º anos, do ensino fundamental II, da Escola Municipal Maria Iraci Teófilo de Castro, situada em Taquarana, no Estado de Alagoas, Brasil. Foram averiguados na pesquisa o envolvimento dos PAIS/FAMÍLIA com a escola, fatores relacionados com a ESCOLA e com os hábitos dos ALUNOS e a relação destes no desempenho escolar ou seja no sucesso e insucesso dos alunos

O envolvimento familiar é importante para a criança, sendo uma base segura para a sua estabilidade emocional e desempenho de atividades, tanto no lar quanto na escola e influencia directamente o desempenho escolar dos filhos. Este envolvimento inclui o dispor de tempo e espaço para auxiliar na realização das tarefas, com horários definidos e manter um contato regular com o professor e a escola. A par destes aspetos, como nos refere Bennetti (2014), temos ainda os recursos que a família pode dispor para o crescimento e desenvolvimento da criança. Este envolvimento obriga a esforço não só por parte dos pais mas também da escola e os frutos virão com diminuição de repetência e evasão escolar.

Para Penna (2007), os pais devem ter um papel ativo na educação escolar, não podem abdicar de sua responsabilidade de educadores. Os pais tem o direito e o dever de participar da escola, porque são os responsáveis legais e naturais pela educação de seus filhos, e a escola tem o dever de propiciar meios para efetivar o direito familiar, e o direito de ser apoiada na função de instituição educadora.

Apesar da consciência que escola e família devem seguir unidas, na prática não é bem o que acontece, hoje é notável a expectativa dos pais que almejam que a instituição eduque por completo seus filhos, e esquecem de participar dessa educação. A escola por sua vez deixa de lado esse envolvimento parental e só buscam essa aproximação em meras reuniões a cada determinado período de tempo ou solicitam a presença da família quando já não sabem mais o que fazer com aquela criança tida “rebelde” ou “fora dos padrões disciplinares”.

Tinhamos como objetivos no nossa investigação avaliar o envolvimento dos pais com os alunos e com a escola; avaliar o desempenho (sucesso/insucesso) dos alunos do 6º ano; caracterizar o perfil sociodemográfico dos alunos e da família dos alunos; avaliar alguns hábitos de vida dos alunos.

De acordo com os objetivos do nosso estudo verificamos que a escola constituiu-se de um total de 1.782 alunos e nossa amostra foi de 325 alunos do 6º ano agrupados em oito turmas nos turnos matutino (quatro turmas) e vespertino (quatro turmas) e que os alunos demoram em média 15 minutos para chegarem à escola.

Nossa amostra é constituída maioritariamente por rapazes (56,6%), com uma média de idade de 11,96 (de 10 a 16 anos). A maioria (61,5%) reside na zona rural, um pouco mais da metade vivem com os pais (59,1%) e um pouco mais de metade (53,5%) tem os pais casados e 39,7% têm pais solteiros ou divorciados.

Em relação ao grau de instrução dos pais cerca de metade (50,2%) têm o ensino fundamental I e 37,2% não tem instrução.

Verificamos em nosso resultado que cerca de 74,5% das crianças ajudam as famílias nas atividades de casa ou na lavoura de um modo geram nos períodos em que não têm aulas (faltando tempo para estudo e para brincar) e 41,2% alegam sentir sono nas aulas. São 43,1% os alunos que referem levantar-se antes das 6 horas da manhã.

Em nossa amostra 33,5% dizem gostar pouco ou nada da escola. Nenhum aluno da amostra têm hábitos tabágicos ou alcoólicos.

Em relação ao desempenho escolar em uma auto avaliação 24,3% referem ter desempenho abaixo da média e 44,0% apresentam índice de reprovação pelos menos uma vez, e nos motivos de reprovação 31,5% dos alunos alegam falta de estudo e 35,7% por faltas

Verificamos que 27,1% dos alunos dizem não ter tempo para estudo e nos motivos para essa falta de estudo 23,6% referem ser por causa da ajuda que dão nas atividades de casa na ajuda aos pais/família.

Quanto ao tempo dedicado aos trabalhos da escola para fazer em casa, 50,4% ou não fazem ou demoram menos de 15 minutos.

A quase totalidade dos alunos dizem ter um bom ou muito bom relacionamento com os pais. Pudemos averiguar que cerca de 25% de nossos alunos referem ter

algumas as vezes ajuda nos problemas e no incentivo à leitura e cerca de 36,3% dos pais é que fazem visitas regulares à escola.

Fazemos referência ao resultado onde as maiores quantidades de reprovações são dos alunos do sexo masculino, que não recebem incentivo para leituras nem ajuda dos pais nas tarefas da escola que levam para casa e ainda naqueles que referem sentir sono durante as aulas.

Notamos um fraco envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, não ajudam os filhos na realização de tarefas escolares dos filhos e nem incentivam aos estudos e não mantêm um contato regular com o professor e a escola.

Em contra mão a esta problemática observamos que os alunos que gostam da escola são aqueles que sentem-se motivados e incentivados pelos pais tanto na realização das tarefas escolares quanto na presença regular na escola, demonstrando interesse em sua aprendizagem .

Em nossas **entrevistas** foi também observado muitos pais não participam de forma frequente na vida acadêmica do filho. Ao mesmo tempo também não deixamos de perceber que muitos pais não conseguem ajudar de forma ativa seu filho nos deveres escolares. Chechia & Andrade (2005) ao refletir sobre esta questão referem que muitos pais não conseguem ajudar porque não é de seu conhecimento, ou não entendem o que é pra fazer, pois a metodologia de ensino tem se modificado muito e isso é um fator pelo qual os pais encontram dificuldade para auxiliar seus filhos. Não que não sintam vontade de ajudar mas se sentem impossibilitado por não compreenderem as tarefas, visto que uma grande porcentagem dos pais e/ou responsáveis, como também verificamos na nossa amostra, não possuem instrução. Outras vezes são os próprios filhos, como dizem as autoras acima referidas, que não querem porque temem que os pais não ensinem tal qual a professora ensinou.

Verificamos ainda nas nossas entrevistas que muitos alunos não são acompanhado pelos pais, chegam em casa e logo se distraem deixando de lado seu material, já que ninguém o indaga sobre seu cotidiano escolar e esse aluno vai se afastando de suas responsabilidades, prejudicando sua aprendizagem tornando-se um aluno sem sucesso e sem nenhuma expectativa para o futuro, pois sua historia familiar no seu histórico escolar não serve de exemplo. Alguns dos pais deixam claro que seu interesse com os

filhos na escola é meramente financeiro, já que os mesmos tem uma contribuição todo mês, isto é, a Bolsa Família, que é o que mantém a maioria dos alunos na escola.

Isto parece indicar a necessidade da escola conhecer a realidade das seus alunos e organizar-se de forma a dar resposta a estes problemas problemas.

No sentido de melhorar este envolvimento dos pais com a escola, deverá esta, através dos professores, exercer uma função importante que é desenvolver estratégias para que a família e a escola mantenham boas relações, pois assim melhora a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. O projeto pedagógico da escola deve se abrir para a participação familiar e organizar ações conjuntas e complementares e assim potenciar as aprendizagens dos alunos e levar a um melhor conhecimento das famílias pelos professores e assim poderem compreender melhor a criança e alguns dos seus comportamentos. Mas para isso a escola deve ser um espaço aberto com relação de confiança mútua e diálogo de forma a permitir o envolvimento parental.

Contudo e pela realidade que conhecemos interrogamo-nos:

- Será que a escola está preparada para lidar com o envolvimento familiar (formas de comunicação, discussão de programas, progressos da criança, as normas da escola, os métodos de ensino e avaliação, etc.)?
- Estará aberta à participação dos pais e encoraja-os a participar na vida da escola (reuniões, actividades específicas, eventos culturais, órgão da escola, etc.)?
- Está a escola a orientar os pais sobre as actividades de acompanhamento dos filhos e orientação dos estudos?
- Está a escola aberta a todos os tipos de criança independentemente do seu nível social, tipo de família a que pertencem ou que tenham necessidades educativas especiais?

Deverá a escola desenvolver um padrão mais construtivista e menos transmissiva como nos é referido por Santiago (1996): deverá ser a escola a adaptar-se às diferenças e individualidades de cada aluno; o aluno ser o centro ou ponto de referência principal no processo ensino aprendizagem; promover trocas interativas com a família e comunidade ou seja criar elos entre as vivências escolares, familiares e da comunidade.

O autor acima referido vai mais longe e afirma que a escola deve ir para além do ensino verbal e dos métodos expositivos, atender às estruturas psicológicas e às fases de desenvolvimento psicológico (atenção às diferenças etárias nas mesmas turmas), ter presente a dimensão da afetividade nas aprendizagens, interessar-se pela origem sociocultural dos alunos e problemas que estes vivam com as famílias,

A escola objeto do nosso estudo é tida como referência no município em tela, pois oferece um ensino de qualidade dentro do seu padrão, os professores são qualificados e aptos para ensinar. Foi no entanto observado uma carência de cursos de inovação na educação, para que estes professores possam melhorar suas abordagens de ensino, visto que os tempos modernos exigem isso.

Foi observado no nosso estudo com os alunos do 6º ano nesta escola uma carência de um satisfatório envolvimento parental, pelo que sugerimos algumas propostas e reflexões no sentido de melhorar esta problemática da fraca aproximação da família com a escola e envolvê-la no desenvolvimento da aprendizagem de nossos alunos.

- Buscar parcerias com órgãos competentes tais como: Assistência social, conselho tutelar entre outros para realização de palestras sobre o papel da família;
- Seminários com temas que abordem a família ponto primordial para o sucesso dos filhos, tendo como palestrantes: psicólogos, pedagogos, psicopedagogos entre outros;
- Oficinas com os pais orientados por pedagogos, psicopedagogos e terapeutas funcionais com temas sobre o relacionamento e o apoio dos pais aos filhos e as vantagens para o seu desenvolvimento pessoal e escolar;
- Debates entre pais, professores e alunos, procurando formas de ajudar os alunos/filhos explorando os fatores que promovem o sucesso;
- Roda de leituras e conto de histórias realizadas pelos pais para os filhos na escola;
- Entrega de livros para realização de leituras em casa feitas pelos alunos aos pais ou vice versa;
- Reuniões bimestrais para socialização dos resultados obtidos em sala de aula pelos filhos.

- Encorajar a continuidade da atribuição dos mesmos professores (equipa de professores) a uma determinada turma para facilitar a duração do contato e assim conhecer melhor os alunos e compreender as dificuldades que sentem.;
- Criar homogeneidade de idades nas turmas;
- Reduzir o número de alunos por turma;
- Proporcionar na escola um bom ambiente para aprender, com relações positivas (professor-alunos- pessoal não docente) ;
- Criar estratégias de envolvimento ativo do alunos e geradoras de motivação e gosto pela escola reforçando laços de amizade e partilha (debates e troca de ideias, trazer convidados à sala, realizar visitas de estudo, realizar atividades fora de sala de aula);
- Ter serviços de suporte e apoio para alunos com dificuldades de aprendizagem;
- Rentabilizar o uso de novas tecnologias e melhorar os recursos físicos da escola
- Reconhecer o sucesso do alunos e da turma atribuindo prémios com divulgação pública;
- Com envolvimento de toda a escola, alunos e com os pais, definir um quadro de valores a serem afixados na escola e divulgados e respeitados por todos os professores, não docentes, alunos e pais (por exemplo: disciplina, respeito, esforço e empenho, equidade, (...));
- Atendendo ao número de pais sem instrução na nossa amostra criar na escola programas de qualificação dos pais sem instrução.

Um maior envolvimento dos pais na educação dos filhos será um fator em que vale a pena investir pois vai ajudar na aprendizagem e assim reduzir a retenção. Este envolvimento será de apoio dos pais em casa, mas também da presença dos pais na escola.

A essência de uma educação de qualidade é composta uma escola comprometida em ensinar seus conhecimentos juntamente com professores capacitados e com a família caminhando juntos com aluno no seu percurso acadêmico, só assim o estudante alcançara o almejado sucesso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, D. & Fraser B. J. (2002). *Parent and student perceptions of the classroom learning environment and its influence on student outcomes* [Resumo]. In American Educational Research Association (Org.), Annual Meeting of the American Educational Research.. New Orleans: Autor.
- Almeida, L. et al. (2005). *Sucesso e insucesso no ensino básico: relevância de variáveis sócio-familiares e escolares em alunos do 5º ano*. Actas do VIII Congresso Galaico Português de PsicoPedagogia. Braga: Universidade do Minho, 14 - 16 Setembro. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4206/1/433.pdf>
- Alves, M. R. G. (2011). *Envolvimento parental na escola: Estudo efectuado na Escola Básica Integrada com Jardim-de-infância de Góis*. (Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica). Acedido em: <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/116/1/Envolvimento%20Parental%20na%20Escola%20-%20Tese%20de%20mestrado%20de%20Marta%20.pdf>
- Andrés, M. A. M. (2009). *Dificuldade de aprendizagem e relações familiares*. (Monografia apresentada à Universidade Cândido Mendes para o curso de Pós graduação Lato Sensu em Psicopedagogia). Acedido em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/I101247.pdf
- Andrighetto, M. J., & Richter, C. J. (2009). *Avaliação escolar*. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. Acedido em http://www.sinect.com.br/anais2009/artigos/13%20Formacaodeprofessoresnoensinodecienciaetecnologia/Formacaodeprofessoresnoensinodecienciaetecnologia_artigo3.pdf
- Aranha, M. L. A. (1996). *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna.
- Aurélio (2010). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benavente, A. (1990). Insucesso escolar no contexto português. *Análise Social*, XXV, 108-109.

- Benavente, A. (1998). *Da construção do sucesso escolar. Equacionar a questão e debater estratégias*. Seara Nova, 18, 3-27.
- Benetti, I. C., Grisard, E., Figueiredo, O. (2014). Redes de apoio: estado, família e escola como contextos promotores de aprendizagem e desenvolvimento. *Roteiro, Joaçaba*, 39(1), 241-260. Acedido em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/2838>
- Bion, W. R. (1962). Uma teoria do pensar. In *Melanie Klein hoje: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.
- Biroli, F. (2014). *Família: novos conceitos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Bock, A. M. B. (2003). Psicologia e educação: cumplicidade ideológica. In Meira, M. E. M. & Antunes M. A. M. (Orgs.) *Psicologia escolar: teorias críticas*, 70-104. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brandão, C. R. (1995). *O que é educação*. Ed. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Brasil (2014). *Unesco: Brasil tem quase 13 mi de analfabetos adultos e é 8º no mundo*. Acedido em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/unesco-brasil-tem-quase-13-mi-de-analfabetos-adultos-e-e-8-no-mundo,5c15a2a6cb3d3410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> . Acesso em: 30 julho 2015.
- Brasil (1996). Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96* – Brasília. MEC.
- Brasil (1997). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.
- Carvalho, M. E. P. (2000). Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa*. 110,144-155.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2005). O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estud. Psicol.* (Natal), 10(3), 341-440. Acedido em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2005000300012&script=sci_arttext
- Colaço, M. I. A. (2007). *A Relação Escola-Família e o envolvimento dos pais: representações de professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior – Volume I*. (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Aberta. Lisboa).

- Conboy, J. & Fonseca, J. (2013). Práticas e consequências da retenção escolar. Alguns dados do PISA, in Veloso, L, Abrantes, P. *Sucesso escolar: da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar*, 9-27. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Delors, J. (2006). *Educação: um tesouro a descobrir*. Ed Cortez; Brasília, DF; MEC; UNESCO.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia* (Ribeirão Preto). 17(36), 21-32. Acedido em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003
- Dulce, G. (2006). *Orientar o meu filho na sua vida escolar, crescer & Viver*, Lisboa: Climepsi Editores.
- Escobar, T. (2014). *Configurações do fracasso escolar na Escola Pública: estudo a partir do discurso do professor de Educação Básica*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Acedido em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/104-0.pdf
- Ensminger, M. E. & Slusarcick, A. L. (1992). Path to high school graduation or dropout: A longitudinal study of a firstgrade cohort. *Sociology of Education*, 65, 95-113.
- Ferreira, M. E. A. (2009). *A relação professor X aluno no processo ensino aprendizagem*. (Monografia apresentada à Universidade Candido Mendes como requisito para obtenção ao grau de especialista em docência do ensino superior). Acedido em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N203060.pdf
- Favorini, L. B, & Lomônaco, J. F. B. (2009). O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. *Psicol. Educ.* 28, 73-89. São Paulo. Acedido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752009000100005&script=sci_arttext
- Freire, P. (1983). *Educação e Mudança*. 12ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra. Acedido em

http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_educacao_e_mudanca.pdf

- Garcia, A. T., López, C. B., Navega, M. L., Arta, S. C., Chacón, I. M. G., Aguado, P. G., Landa, C. G. & Prieto, A.S. (1998). *Fracaso escolar y desventaja sociocultural. Una propuesta de intervención*. Madrid: Nancea Ediciones.
- Gasparini, S. M, Barreto, S. M, Assunção, A. A. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo. 31(2), 189-199, maio/ago. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>
- Grillo, M., Enricone, D., Bochese, J, Faria, E., Hernandez, I., Neto, D. (2009). *Transposição didática: uma criação ou recriação cotidiana*. Acedido em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/1999/Formacao_De_Professores/Trabalho/02_29_00_TRANSPOSICAO_DIDATICA_UMA_CRIACAO_OU_RECRIACAO_COTIDIANA.pdf
- Hoffman, J. L. (1993). *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Educação & Realidade.
- Hong, G., & Raudensbush, S. (2005). Effects of Kingergartenretention policy on children´s cognitive growth in reading and mathematics. *Educational Evaluation and Policy Analysis*. XXVII (3), 205-224.
- Jacinto, M. J. P. (2006). *Dinâmicas do Director de Turma na Promoção do Envolvimento da Família na Escola – Um contributo para a Diminuição da Indisciplina-* (Vol. I). (Dissertação de mestrado não publicada, Universidade aberta. Lisboa).
- Jung ,C. G. (1981). *O Desenvolvimento da Personalidade*. Petrópolis: Vozes,.
- Maggi, D. O. (2011). *A influência da familia no processo de alfabetização: um estudo de caso numa instituição filantrópica na cidade de São Paulo*. (Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de mestre em Educação). Acedido em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Daniel/Os%20meus%20documentos/Downloads/DANILA_ORBEA_MAGGI.pdf
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Marques, M. F. C. (2012). *Dificuldades de aprendizagem decorrentes das relações familiares*. (Monografia apresentada à AVM, Faculdade Integrada, como requisito para obtenção grau de especialista em Psicopedagogia, Universidade Cândido Mendes, Niterói). Acedido em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205000.pdf
- Marques, R. A (1993). Participação dos Pais na Vida da Escola como uma Componente do Modelo da Educação Pluridimensional. In *Os Professores e as Famílias: A Colaboração Possível*, 105-114. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martini, M. L., Prette, Z. A. P. (2002). Atribuições de causalidade para o sucesso e o fracasso escolar dos seus alunos por professoras do ensino fundamental. *Interação em Psicologia*. 6(2), 149-156 Acedido em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/viewFile/3302/2646>.
- Martins, C.P.M. (2006). *Factores e Análise do Insucesso Escolar. Um estudo feito a partir da Escola Secundária Polivalente Cesaltina Ramos, no 3º Ciclo, Ano Lectivo 2005/2006*. (Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciatura em Gestão e Planeamento da Educação). Acedido em <http://portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/1841/1/CARLA%20PATRICIA%20MOREIRA.pdf>
- Miguel, L., & Braga, E. (2009). *A importância da família no processo de aprendizagem, visando o sucesso escolar*. Acedido em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-8.pdf> Acesso em: 21 Out. 2014.
- Morastoni, L. E. (2014). Dificuldades de aprendizagem: buscando soluções através da motivação e criatividade. *Maiêutica – Curso de artes visuais, Revista Eletrônica do Curso de Artes Visuais da Uniasselvi*. 1(1). Acedido em <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/art/article/view/1151/316>
- Moura, E. M., & Silva, J. C. (2011). *Reprovação escolar: Discutindo mitos e realidade. Secretaria de Estado da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE*. Acedido em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/370-2>
- Nogueira, M. A. (1998). Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paideia* (Ribeirão Preto), 8, 14-15. Acedido em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1998000100008

Nunes, L. C., Neve, D., Teodósio, G.F., Floriano, P. M., Lara, S. (2014). Perfil de estudantes dos anos iniciais com baixo rendimento escolar: importância da educação física na escola. *Rev. Bras. Ci. e Mov.* 22(2), 36-46.

Organização Internacional do Trabalho – OIT (1999). *Direitos Humanos e Serviço Social. Manual para Escolas e Profissionais de Serviço Social*. Organização das Nações Unidas Série Formação Profissional – N.º 1. Lisboa, Dez. Acedido em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/temas-dh/pdfs/HRSocialWork-scannado.pdf>

Parolin, I. (2003). *As Dificuldades da Aprendizagem e as Relações Familiares*. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, pp. 91-99.

Pastorini, R.C. (2013). *Investigando as atitudes dos docentes do ensino básico que vêm influenciando negativamente a imagem da disciplina de Física*. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática). Acedido em <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5623/1/000453311-Texto%2BCompleto-0.pdf>

Peixoto, F., &Rodrigues, P. (2003). *Atitudes Parentais em Relação ao Desempenho Académico dos Filhos e sua Relação com o Autoconceito, Auto-Estima e Motivação*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Acedido em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/85.pdf>

Penna, D. F. (2007). *A família e a escola*. (Monografia apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em orientação educacional. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro). Acedido em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/26050.pdf

Pestana, M. H., Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Piaget, J. (2007). *Para onde vai à educação*. Rio de Janeiro. José Olímpio.

- Pinheiro, S. S. (2012). *Fracasso Escolar : O que as pesquisas recentes indicam a cerca de suas causas*. IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Acedido em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/GT20_Psicologia da Educacao/Trabalho/03_25_32_GT_20_-_Silvia_Siqueira_Pinheiro.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/GT20_Psicologia_da_Educacao/Trabalho/03_25_32_GT_20_-_Silvia_Siqueira_Pinheiro.pdf).
- Polonia, A. C., & Dessen, M. A. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*. 9(2), 303-312. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12>
- Reis, M.P.I.F.C.P. (2008). *A relação entre pais e professores :uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. (Tese de doutoramento em Educação Infantil e Familiar Investigação e Intervenção Psicopedagógica. Universidade de Málaga e E.S.E. João de Deus). Acedido em: <http://www.biblioteca.uma.es/bbl/doc/tesisuma/17678213.pdf>
- Ribeiro, I. S. (2002). Development of learning strategies: From theoretical approaches to practical answers. In A. C. Madeira (Ed.) *Strategies and methodologies about autonomous learning at school*. Lagos: Centro de Formação Dr. Rui Grácio.
- Ribeiro, I. S., Viana, F. L., Santos, M. T., Gomes, M. B. (1999). Avaliação da adaptação pessoal, escolar, familiar e social de jovens. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caires (Orgs.) *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (IV)*. Braga: APPORT.
- Rocha, C.S., & Macêdo, C. R. (2002). *Relação Família & Escola*. (Trabalho para a obtenção de Licenciatura, não publicado, Universidade da Amazônia), Belém.
- Rodrigues, P. M. A. (2013). A nova concepção de família no ordenamento jurídico brasileiro. *Revista Síntese Direito de Família* 14(78), 52-56.
- Sanches, C. (2014). *Analfabetismo cai em Alagoas, mas é maior que a média do país, diz PNAD*. Acedido em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/09/analfabetismo-cai-em-alagoas-mas-e-aquem-da-media-do-pais-aponta-pnad.html>.
- Santiago, R. A. (1996). *A escola representada pelos alunos, pais e professores*. Universidade de Aveiro.

- Santos, J. A., & Sant'Ana, R. B. (2013). .Significações da reprovação escolar por alunos adolescentes de escola pública. *Educação*, Universidade Federal de Snata Maria. 38(3), 691-702. Acedido em <http://www.redalyc.org/pdf/1171/117128364018.pdf>
- Severino, A. J. (1993). *Filosofia da educação*. São Paulo: Ática.
- Souza, M. E. P. (2009). *Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar*. (Monografia apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) – Universidade Estadual do Norte do Paraná). Acedido em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>
- Spoth, R., Shin, C., Randal, I G. K.. (2008). Increasing School Success Through Partnership-Based Family Competency Training: Experimental Study of Long-Term Outcomes. *National Institutes of Health*. 23(1), 70-89. doi: 10.1037/1045-3830.33.1.70
- Teixeira, B. J. (2013). *A participação da família na escola*. (Monografia apresentada a Faculdade de Educação (DE) – Universidade de Brasília – UNB). Acedido em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7859/1/2013_BeatrizdeJesusTeixeira.pdf
- Topor, D. R., Keane, S. P., Shelton ,T. L., Calkins, S. D. (2010). Parent involvement and student academic performance: A multiple mediational analysis. *National Institutes of Health*. 38(3), 183-197. doi:10.1080/10852352.2010.486297
- Varani, A., Silva, D. C. (2010). A relação família escola: implicações no desenvolvimento escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. *Rev. Bras. Est. Pedag.*, Brasília. 91 (229), 511-527.
- Vieira, M. G. (2014). *Fracasso escolar: um estudo de caso na escola EEFM Bernardino Bento, na cidade de Aguiar – PB*. (Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba). Acedido em <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/6293/1/PDF%20-%20Maria%20Cr%C3%AAofe%20Vieira.pdf>
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Weinhardt, P. D. R. (2013). *As diferentes configurações familiares e as implicações na vida acadêmica das crianças*. (Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Gestão Escolar e Empresarial, da

Universidade Tuiuti do Paraná). Acedido em
<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2015/04/TCC-Perla-Weinhardt.pdf>

ANEXOS

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO

<u>TURMA</u>	
<u>Nº ALUNO</u>	

QUESTIONÁRIO

PARTE I

CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRAFICA DO ALUNO E FAMILIA

1. Nota com que passou (preencher pelo professor)
2. Total alunos da turma _____
3. Idade _____ anos
4. Sexo Feminino Masculino
5. Como classifica a sua área de residência? Urbana Rural
6. Com quem vive habitualmente
 - Pais
 - Pai ou Mãe
 - Irmão(s)
 - Avós
 - Cônjuge
 - Filho(s)
 - Sozinho
 - _____
7. Situação familiar
 - Pais casados ou em união estável
 - Pais solteiros, divorciados ou em separação
 - Pais do mesmo sexo em união estável
 - Mãe viúva
 - Pai viúvo
 - Ambos os pais falecidos
8. Como é seu relacionamento com seus pais ou responsáveis?
 - Bom
 - Muito bom
 - Ruim
9. Quando você está com algum problema, seus pais ou responsáveis lhe ouvem e tentam o ajudar?
 - Sempre
 - Às vezes
 - Nunca
10. Seus Pais ou responsáveis o encorajam a ler?
 - Sempre
 - Às vezes
 - Nunca

11. Grau de escolaridade dos pais

Pai Mãe

- | | | |
|--------------------------|--------------------------|-------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Sem instrução |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 1º Fundamental I |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 2º Fundamental II |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Ensino médio |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Ensino superior |

12. Como classifica o nível de rendimento mensal, de sua família?

- Baixo
 Médio
 Alto

PARTE II – HÁBITOS DOS ALUNOS E A ESCOLA

13. Como costuma deslocar-se para a escola?

- A pé
 De bicicleta
 De mota
 De transportes públicos
 De carro

14. Quanto tempo costumam demorar da tua casa à escola ?

- menos de 15 minutos
 de 15 a 30 minutos
 de 30 a 45 minutos
 de 45 a 60 minutos
 mais de uma hora

15. Costuma efetuar algum tipo de atividade para ajudar sua família?

- Sim Não

Se respondeu sim, quando é que o faz com mais frequência

- De manhã antes de ir para a escola
 À tarde depois de chegar da escola
 Tanto de manhã como à tarde
 Só aos fins-de-semana

16. Tem hábitos tabágicos? Sim Não

Em caso afirmativo, quantos cigarros fuma por dia?

- menos de 10 entre 10 a 20 mais de 20 cigarros

17. Costuma ingerir bebidas alcoólicas?

- Todos os dias
 Ao fim de semana
 Esporadicamente
 Nunca

18. **Acha que dorme bem/suficiente?** Sim Não

19. **Costuma sentir sono durante as aulas?** Sim Não

20. **Habitualmente a que horas se costuma levantar em dias de aulas**

- Antes das 6 horas
- Das 6 às 7 horas
- Das 7 às 8 horas
- Das 8 às 9 horas
- Depois das 9 horas

PARTE III – DESEMPENHO E ATIVIDADES ESCOLARES

21. **Como classifica o seu atual desempenho escolar**

- Abaixo da média
- Média
- Acima da média
- Excelente

22. **Já reprovaste alguma vez?** Sim Não

Em caso afirmativo qual ou quais os motivos?

- Falta de estudo
- Faltas
- Desmotivação / Desinteresse
- Problemas familiares
- Doença
- Dormir pouco
- Problemas com os colegas
- Outros _____

23. **Acha que tem tempo suficiente para estudar?** Sim Não

Em caso negativo, porquê?

- Tem muito tempo de aulas
- Exerce outras atividades
- Tem que ajudar em casa
- Sai muitas vezes à noite
- Sente muito sono

24. **Quanto tempo estuda em média, por dia**

- 0 hora
- 1 – 2 horas
- 2 – 3 horas
- > 3 horas

25. **Pensa continuar os estudos, após terminar o ensino médio?** Sim Não

Em caso afirmativo qual o curso que gostaria de frequentar? _____

26. Em que período costuma ter aulas?

- Manhã Tarde Manhã e tarde

27. Se pudesse alterava o seu horário escolar? Sim Não

Em caso afirmativo, como gostaria que fosse o seu novo horário?

- Aulas só de manhã
 Aulas só de tarde
 Aulas de manhã e tarde

28. Gosta da escola que frequenta?

- Muito
 Pouco
 Nada

29. Quanto tempo dedica em média por dia, aos trabalhos escolares em casa

- Não faço
 < 15 min
 15 – 30 min
 30 – 60 min
 > 60 min

30. Seus pais ou responsáveis participam de seu desenvolvimento escolar

- Sempre Às vezes Nunca

31. Seus pais ou responsáveis visitam a escola para ficarem cientes de sua frequência, de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social?

- Sempre Às vezes Nunca

32. Você estuda porque gosta ou porque é obrigado pelos pais ou responsáveis?

- Porque quero e gosto Porque sou obrigado

-----//-----

ESCALA PARA OS PAIS:

Fazer em **FOLHA SEPARADA** para enviar aos pais e depois juntar/agrafar ao aluno respectivo EM FUNÇÃO DA TURMA E DO N° DE ALUNO

<u>TURMA</u>	
<u>Nº ALUNO</u>	

PARTE IV –

**QUESTIONÁRIO DE ENVOLVIMENTO PARENTAL NA ESCOLA - VERSÃO
PARA PAIS (QEPE – VPais) - (Autor: A.I.F. Pereira 2002)**

Instruções: Em baixo encontra-se um conjunto de afirmações relativas ao seu envolvimento com a escola/professor do(a) seu(sua) filho(a). Para cada uma das afirmações existe uma escala de 1 a 4. Assinale o círculo **4** se é **Muito Verdade**, o círculo **3** se é **Verdade**, o círculo **2** se é **Pouco Verdade** e o círculo **1** se é **Nada Verdade**. Não há respostas certas ou erradas, mas sim respostas que representam o modo como se envolve com a escola do(a) seu(sua) filho(a). É importante que responda a todas as questões.

	NADA VERDADE	POUCO VERDADE	VERDADE	MUITO VERDADE
	1	2	3	4
1. Dou ideias para organizar actividades na escola (ex. festas, actividades desportivas, jogos)				
2. Procuo saber o que é que o meu filho necessita de aprender, para o poder ajudar em casa.				
3. Quando há qualquer problema com o meu filho na escola, procuro informar o professor.				
4. Procuo que o meu filho realize actividades que o ajudam na aprendizagem (ex. encorajo o meu filho a ler)				
5. Ajudo frequentemente o meu filho nos trabalhos para casa				
6. Procuo participar na resolução de problemas da escola (ex. dando ideias para resolver problemas de indisciplina e violência)				
7. Vou às reuniões para pais convocadas pelo professor				
8. Se o professor me convidar, estou disposto(a) a participar em actividades na sala de aula (ex. ler histórias às crianças, falar-lhes sobre a minha profissão, ajudar o professor a preparar materiais).				
9. Procuo fazer com o meu filho actividades que não são pedidas pelo professor, mas que sei que o ajudam nas aprendizagens (ex. leio-lhe histórias, vou com ele a uma biblioteca)				
10. Quando sei que se vão realizar certas actividades na turma (ex. visitas de estudo, festas, jogos), ofereço ajuda				
11. Costumo falar e dar opiniões nas reuniões de pais				
12. Gostaria de trabalhar voluntariamente (ou trabalho) em actividades na escola (ex. pintar a escola, arranjar o recreio e o jardim, vigiar os recreios)				

	1	2	3	4
13. Dou ideias para organizar actividades na turma (ex. visitas de estudo, festas, jogos)				
14. Procuo informar-me sobre o regulamento e as normas de funcionamento da escola				
15. Converso com o meu filho acerca do que se passa na escola				
16. Vou às actividades para pais organizadas pela escola				
17. Costumo pedir informações ao professor sobre os progressos/dificuldades do meu filho.				
18. Tenho por hábito procurar informações do professor na caderneta do meu filho				
19. Tenho por hábito verificar se o meu filho fez os trabalhos para casa				
20. Procuo informar-me sobre o projecto educativo e o plano anual de actividades da escola				
21. Tento ensinar o meu filho a planear e a organizar melhor o seu tempo				
22. Quando há qualquer problema na escola com outros colegas, procuro informar o professor				
23. Quando sei que se vão realizar certas actividades na escola (ex. festas, actividades desportivas, jogos), ofereço ajuda				
24. Procuo informar-me acerca das datas dos testes de avaliação, para poder ajudar o meu filho a estudar				

ANEXO 2: AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



SECRETARIA MUNICIPAL DE TAQUARANA
EMEB MARIA IRACI TEÓFILO DE CASTRO
Rua 24 de agosto, 82 – Centro – CEP 57640-000

ESC. MUN. DE EDUC. BASICA
MARIA IRACI TEOFILU DE CASTRO
Rua 24 de Agosto 82 Centro - Cap. 57.640-000
INEP: 27021238 CNPJ: 03.843.390/0001-50
FONE: 82 3425 1487 email: emariairaci@gmail.com

Taquarana, 12 de Março de 2015

Exmo. Presidente da ESSV

ASSUNTO: AUTORIZAÇÃO PARA EFETUAR COLETA DE DADOS

A EMEB Maria Iraci Teófilo de Castro, através de seu representante legal, Sr. **Anastácio José Ferreira**, autoriza realização da coleta de dados/informação, com objetivo Identificar e analisar os principais fatores que influenciam o insucesso e sucesso escolar .

O presente estudo visa:

- Conhecer o papel da família no sucesso e insucesso dos alunos.
- Identificar as variáveis socioeconômicas que influenciam o insucesso escolar.
- Analisar como a organização e o funcionamento da escola pesam sobre o insucesso dos alunos.

Segundo a aluna Maria dos Prazeres Santos, anseia com esta investigação, não solucionar este problema, e sim de apresentar análises que contribuam para amenizar o insucesso escolar, desta forma contribuir para maiores abordagens para eclodir o sucesso escolar. A referida investigação ocorreu no período de Fevereiro à Dezembro de 2014 solicitado pela aluna Maria dos Prazeres Santos.

Sem outro assunto no momento e muito grato pela atenção, apresento votos de elevada estimação.

Anastácio José Ferreira
Diretor
Portaria PAB/Nº 068/2014

Anastácio

for Ferreira
Anastácio José Ferreira
DIRETOR ESCOLAR



Ministério da Educação e Ciência
Instituto Politécnico de Viseu

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU

Exmo. Senhor,

VOSSA REFERÊNCIA

VOSSA DATA

NOSSA REFERÊNCIA

ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA EFECTUAR COLHEITA DE DADOS

No âmbito da unidade curricular de 2014/2015, está a Escola Superior de Saúde de Viseu e os alunos do 2º ano do 1º Curso de Mestrado a desenvolver um estudo subordinado ao tema "A Implicação da funcionalidade do curso...".

Neste contexto, somos a solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar a realização de colheita de dados/informação, durante o período de Fevereiro a Setembro do mês de _____ do ano 2014.

Em anexo, enviamos um exemplar do Instrumento de Colheita de Dados.

Os resultados obtidos com este estudo serão colocados à disposição de V. Ex.ª, caso se coadunem com os interesses da Instituição a que preside. Mais informamos que o Professor Dra. Pro. Daniel Marques, é o responsável pela orientação da investigação, estando disponível para prestar eventuais informações adicionais, através do telefone da Escola 232419100 ou fax 232428343.

Agradecemos uma resposta o mais brevemente possível por forma a cumprir os prazos académicos dos estudantes.

Sem outro assunto de momento e muito gratos pela disponibilidade e atenção, apresentamos os melhores cumprimentos.

O Presidente da ESSV

Nota: No corpo do ofício deve ser feito o enquadramento/justificação da relevância do estudo e objetivos principais.

Na resposta indicar a «nossa referência». Em cada ofício tratar só de um assunto.

